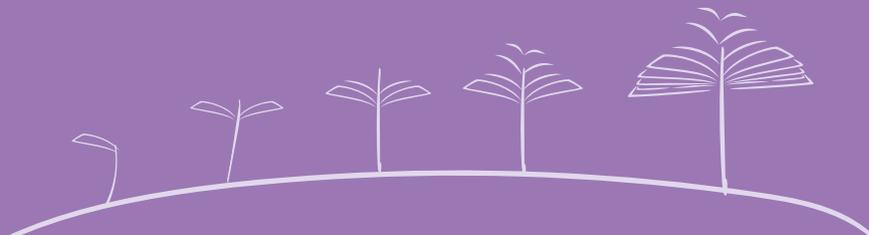


DESCOBRIR-SE AUTOR

das
Sementes

e dos





**CIDADE DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO**

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Ricardo Nunes

Prefeito

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - SME

Fernando Padula

Secretário Municipal de Educação

Minéa Paschoaleto Fratelli

Secretária Adjunta de Educação

Malde Maria Vilas Bôas

Secretária Executiva Municipal

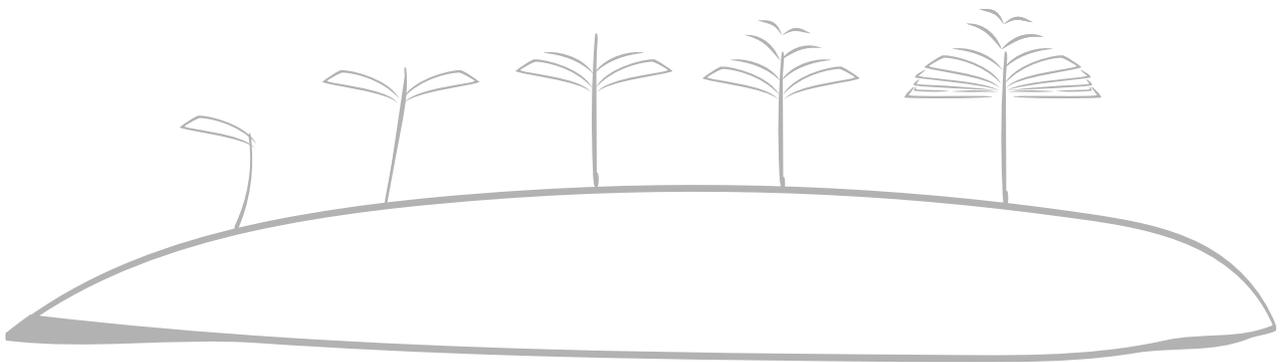
Omar Cassim Neto

Chefe de Gabinete

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO

DESCOBRIR-SE AUTOR

das Sementes e dos Frutos



São Paulo - 2021

COORDENADORIA PEDAGÓGICA - COPED

Daniela Harumi Hikawa – *Coordenadora*

NÚCLEO TÉCNICO DE CURRÍCULO - NTC

Felipe de Souza Costa – *Diretor*

Equipe NTC

Anna Luisa de Castro
Aparecido Suterio da Silva Junior
Carla Regina Marchioreto Urbano
Carlos Alberto Mendes de Lima
Carolinne Mendes da Silva
Claudia Abrahão Hamada
Clodoaldo Gomes Alencar Junior
Eduardo Murakami da Silva
Eva Aparecida dos Santos
Juliana Bauer de Oliveira Pimentel
Juliana Gonçalves Mutafi
Jussara Nascimento dos Santos
Karla de Oliveira Queiroz
Lisandra Paes
Maria Sueli Fonseca Gonçalves
Regiane Paulino
Regina Célia Fortuna Broti Gavassa

Renata de Lara Pereira Tamasi
Samir Ahmad dos Santos Mustapha
Selma Andrea dos Santos Silva
Solange Alves Miranda
Thais Blasio Martins

ACADEMIA ESTUDANTIL DE LETRAS - AEL

Maria Sueli Fonseca Gonçalves
Samir Ahmad dos Santos Mustapha

CENTRO DE MULTIMEIOS

Magaly Ivanov – *Coordenadora*

Núcleo de Criação de Arte

Ana Rita da Costa
Angélica Dadario – *projeto, ilustração e diagramação*
Cassiana Paula Cominato
Fernanda Gomes Pacelli
Simone Porfirio Mascarenhas

Revisão Textual

Roberta Cristina Torres da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.

Descobrir-se autor : das sementes e dos frutos. – São Paulo : SME / COPED, 2021.

128 p.

Volume V resultante da 9ª edição da Semana de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura, instituída pela Lei Municipal nº 14.999/09.

1. Literatura brasileira. 2. Escolas municipais. I. Título.

CDD 22. ed. B869

Código da Memória Técnica: 151/2021

Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede – CRB-8/5877



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

Disponível também em: <<http://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br>>

Consulte as obras disponíveis na Biblioteca Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação. Disponível em: <<http://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/centro-de-multimeios/biblioteca-pedagogica>>

E-mail: smecopedbiblioteca@sme.prefeitura.sp.gov.br

Telefone: 55 11 3396-0500

Sumário

APRESENTAÇÃO	5
DIRETORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO – DRE	
Butantã	6
Campo Limpo	12
Capela do Socorro	15
Freguesia/Brasilândia.....	17
Guaianases	22
Ipiranga	35
Itaquera	43
Jaçanã/Tremembé	63
Penha	74
Pirituba/Jaraguá	89
Santo Amaro	92
São Mateus	96
São Miguel	114
COORDENADORES DAS AELs NAS DREs	128





Caro(a) Leitor(a)

“Se a semente de uma planta germinar em um local adequado, ela conseguirá desenvolver suas raízes, caule e folhas, transformando-se em uma jovem planta. Depois de adulta, ela produzirá frutos e sementes, que darão continuidade à vida da espécie.”

Germinação da Semente¹

É chegada a hora de mais uma colheita.

Semeada em terra que não poderia ter sido mais fértil, no chão da escola pública, a **Academia Estudantil de Letras – AEL** apresenta o quinto volume do livro “Descobrir-se Autor”, parte integrante das ações realizadas na 10ª Semana Municipal de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura, criada pela Lei nº 14.999/09, de autoria do professor vereador Eliseu Gabriel.

Esta edição é peculiar, por estarmos vivendo um tempo especial, no amplo sentido do vocábulo, um tempo anômalo, específico, de pandemia.

Hábeis jardineiros apressaram-se em continuar nutrindo as sementes, para que se desenvolvessem, apesar das dificuldades, diante da realidade imprevisível e avassaladora.

Era preciso estender o olhar para todas as sementes: embrionárias, pequeninas, maiores e adultas.

Nesta obra estão reunidos os frutos da colheita de 2021, textos de livre inspiração, de autoria dos membros principiantes, membros correspondentes, membros titulares e membros vitalícios da AEL; esses últimos já concluíram o Ensino Fundamental em suas escolas, estão agora no Ensino Médio ou na universidade, e continuam lançando suas sementes em outros solos.

Assim é perpetuada a espécie.

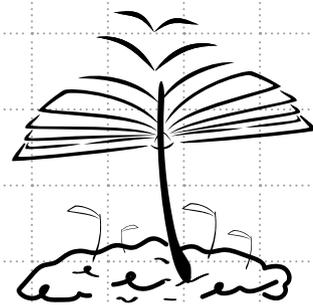
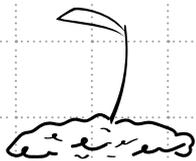
Boa leitura! Boa colheita!

Secretaria Municipal de Educação

COPED - NTC - AEL



! BUTANTĂ !



Escritoras de memórias

Com essa carta
eu me expresso
a todos aqueles que disseram
que eu não seria capaz

Suas palavras me feriram,
mas hoje não mais!
A poesia e a leitura
são pra mim a cura
de todo esse veneno
porque quando
você me humilhava
eu materializava
tudo isso escrevendo.

Só agradeço a você que me fez sofrer,
ganhei enfim asas para voar!
E nunca mais voltar a ser
aquela pessoa assustada
que só costumava chorar.

Hoje sou poeta, sou contadora de histórias
Sou única, conquistando vitórias
Sou feliz, sou nobre
Sou forte, de rimas não sou pobre

Sou butantânica, sou da periferia e sou do mundo
Sou mulher, sou semente
Sou pensadora, gosto do que é profundo
Sou artista, sou consciente

Escritora de Memórias
é como me nomeio

Escrevendo, criando e contando
No caderno, no celular e em todo canto,
A minha própria história!

*Pamela Vitória de Nova**, 16 anos
*Maria Rafaela Rodrigues do Espírito Santo**, 15 anos
*Sthephony Oliveira Rodrigues de Souza**, 15 anos

*Membros vitalícios



EMEF IBRAHIM NOBRE

AEL: **Daniel Carvalho**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Edna Cerqueira**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Juliene Codognotto**

Lua de Sangue

Por algum motivo, sempre senti que o dia de hoje seria mais especial ou importante do que todos os outros. O que havia de mais em fazer dezesseis anos? Não sei. Mas não era sobre a festa ou dar o primeiro beijo, era algo mais importante.

Minha família e eu nunca demos grandes festas. Eu nunca soube o motivo, mas tratava isso como um tipo de tradição familiar. Reunir-se e comemorar à meia-noite, apenas nós seis.

Essa noite seguia fria e chuvosa, normalmente as noites eram quentes durante o verão, mas estavam ficando mais frias a cada dia que passava. De forma assustadora, o casarão fazia barulho, normal numa casa velha, porém dessa vez era diferente, como se as coisas estivessem sendo quebradas ou arrastadas. Por isso me levantei da cama. Ainda faltava uma hora para a meia-noite e não estranhei a porta do quarto dos meus pais estar fechada, somente segui para onde estava o barulho: a cozinha. Desci as escadas calmamente segurando o corrimão com força para me certificar que minhas pernas trêmulas não me traíssem e me fizessem rolar escada abaixo. Vi todos

os pratos e copos em pedaços no chão, mas não fazia sentido se terremotos ou tremores não ocorreram. Meus pais estavam no quarto, então só podiam ser Lucas e Carlos, meus irmãos mais novos, gêmeos e muito travessos.

Olhei em volta e, além de copos e pratos destruídos, vi um alçapão que nunca estive ali pelo que me lembrava. Enquanto me aproximava, senti um baque forte em minha cabeça como se tivesse levado uma coronhada e comecei a ver coisas: eu e uma menina estranha, estávamos fugindo ou brincando? Não conseguia entender. Só continuei me aproximando até perceber que naquele alçapão tinha uma escada em caracol que rapidamente descí. Era um porão? Não podia dizer pela escuridão que dominava o lugar. Eu sentia medo e receio. Já não sabia se tremia de medo ou frio. Aproximando-me do que parecia ser o fim do porão, percebi que havia luzes vermelhas iluminando o lugar, vindas de um círculo de velas, e havia pessoas encapuzadas em volta desse círculo. Os encapuzados estavam distraídos citando palavras estranhas do que parecia latim enquanto davam as mãos e as levantavam. Um deles se calou antes de todos os outros fazerem o mesmo e virarem a cabeça para mim. Eu tentei me mexer, mas minhas pernas não saíram do lugar. Agora seria meu fim, eu morreria

EMEF IBRAHIM NOBRE

AEL: **Daniel Carvalho**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Edna Cerqueira**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Juliane Codognotto**



num porão debaixo da minha casa onde meus pais nunca me achariam.

– Duda? Falo, assim que uma das pessoas encapuzadas se revela. – Mãe, Pai, Meninos? Gente, o que está acontecendo?

– Querida, o que faz aqui embaixo? - diz minha mãe tocando no meu rosto. Mais flashes aparecem me mostrando a mesma menina alta de cabelos lisos e castanhos. Ela estava aterrorizada, estava tentando me dizer alguma coisa. Tento ler seus lábios, ela diz: – Corra e não confie em ninguém!

– Mana, você tem que voltar lá para cima. - diz Carlos, sério. Eu não entendo por que não posso confiar na minha família. Por que todos estão agindo de forma estranha?

Eu caio de joelhos no chão, com as mãos ainda em minha cabeça, que doía tanto que parecia que ia se partir a qualquer momento. Outra mulher surge na visão azulada, o que criava mais dúvidas em mim. Ela me chamava de filha e falava para eu correr. A menina de madeixas castanhas também estava lá segurando minha mão. A mulher de cabelos negros a chamava de Duda. O que está acontecendo comigo? Por que aquela mulher me chamou de filha e chamou aquela garota de Duda como se ela fosse minha irmã? – Eu não... posso... confiar... confiar em ninguém - dizia eu, já sentindo os olhos fechando, rendendo-me à dor.

– Duda, leve sua irmã para o porão, lá tem uma passagem que leva direto para a saída, leve-a para bem longe daqui! Eu as encontrarei, eu prometo!

Aquela voz falava comigo e era como se gritasse para eu acordar, era como se me dissesse que eu não podia confiar na minha própria família, em pessoas com quem vivi toda a minha vida e que de alguma forma eu acreditava nelas.

– Você vai salvar todos nós, minha menina. Sophia, lembre-se de que eu te amo.

Acordei assustada e suada. O que foi isso? Ela disse meu nome.

– Como está? - pergunta minha irmã Duda. Aquilo era muito confuso. A Duda da minha visão era completamente diferente dessa garota que está na minha frente, que eu já nem sei mais se é mesmo minha irmã. Estávamos no meu quarto novamente. Ela se aproxima e se senta na minha cama.

– Estou bem. Por que disse que não podia confiar em ninguém? Por acaso, brigou com a mãe ou com o pai? Ela tenta pegar na minha mão, mas eu desvio de seu toque.

– O que está acontecendo com você?

– Nada, só preciso sair desse quarto. Eu preciso ir àquele porão. Tem algo lá que preciso ver.

– Você não pode ir lá, Sophia. Ela me impede de levantar.

– O que tem lá que eu não posso ver?! Tento levantar e ela me impede novamente. Dessa vez eu a empurro e saio correndo pela porta, corro mais rápido do que eu normalmente sou capaz e lá estou novamente, no porão escuro. Pego meu celular e vejo que faltam apenas vinte minutos para a meia-noite. De novo não... minha cabeça volta a doer,

só que dessa vez é como se viesse tudo de uma vez.

– Você não é uma pessoa normal e é por isso que eles estão aqui.

Na visão, eu estava escondida com a mulher que dizia ser minha mãe debaixo de uma mesa. Ela estava segurando meu rosto em suas duas mãos enquanto enxugava minhas lágrimas. Eu não sei o que mais me assusta, tudo parecer tão real ou o fato de ela dizer que eu não sou normal e eu acreditar nela.

– Eu sou um monstro?

Minha voz finalmente aparece confirmando o que eu estava começando a supor, não eram simples visões, eram memórias, mas não fazia sentido. Como seriam memórias se não me lembro? Aquelas duas pessoas da visão diziam ser minha mãe e irmã, mas eu não as reconheço como tais. Quem eu queria enganar? Eram sim memórias. Nas memórias havia quadros com fotos da família, nessa casa não havia nenhuma. E a maior prova era que minha irmã da memória estava usando uma pulseira exatamente igual a que estou usando agora.

– Para! Eu não aguentava mais aquela dor. Era como se estivessem batendo na minha cabeça com mais força a cada vez. – Eu... não aguento mais. - já estava caída no chão novamente. – Não! - eu precisava chegar até o fim daquela passagem. Levanto-me com dificuldade e me forço a andar.

– Sophia! Pare, o que pensa que está fazendo? Grita minha irmã correndo atrás de mim.

– Você... – paro e deixo que ela me alcance. – Você é mesmo minha irmã?

A dor começa a voltar com cada vez mais intensidade.

– Se te pegarem vão apagar suas memórias, vão fazer você esquecer de mim e provavelmente vai se esquecer dessa conversa, por isso não pode deixar que eles te peguem. Se fizerem isso não haverá esperança para nenhum de nós.

– O que está vendo? - ela pergunta, aparentemente com medo. Como ela sabe que estou vendo algo? Por que as visões não podem ser mais claras? Eu não entendo.

– Me responda! Você é ou não é minha irmã?! - grito e ela se assusta.

– Claro que sou, cresci com você, sua boba.

– Você tem algo que eles querem e se tiverem está tudo acabado.

– Vocês querem algo de mim, não é? - ela arregala os olhos. Sinto lágrimas molharem minhas bochechas. Eu não queria aceitar, mas é verdade.

– Eu sei de tudo, eu me lembro. - jogo com ela.

– Não era para você se lembrar, ainda não.

– Tememos tanto que a profecia fosse verdade, mas eu realmente engravidei e cá está você, a esperança do mundo.

Havia uma profecia. Ela tomba para trás ainda com seus olhos arregalados.

Em uma lua de sangue, exatamente à meia-noite, quando a garota fizesse dezesseis anos seria a glória e o horror de todos, seria a confirmação de que o mundo

estava perto do fim e só essa criança poderia salvar a todos. Nessa mesma noite, nessa mesma hora, os dons dados à criança podiam ser tirados em um ritual assim que a lua começasse a sangrar no céu de uma noite fria e chuvosa.

Os olhos da minha irmã começam a brilhar em um tom escuro de vermelho. Ela era o quê? Eu era o quê? Um tipo de vampiro? Eu não sabia o que estava acontecendo. Ela provavelmente me mataria ali e eu não podia fazer nada além de uma tentativa falha de fuga.

– Você é mais forte do que pensa.

Que força eu poderia ter?

Comecei a correr e correr, até que parei, eu já não controlava meu corpo. Meu corpo começou a voltar, ser arrastado para trás e aquilo me apavorou. Algo em mim insistia em me lembrar que eu não podia desistir, que minha família está em algum lugar esperando por mim e eu não podia me render! Eu me lembro de quem sou e lembro que eles não eram minha família. A minha verdadeira família estava por aí precisando da minha ajuda, da minha coragem e da minha força e apesar de eu ter medo e duvidar de que consiga sair daqui viva, minha mãe teve fé em mim e por isso sei que tenho forças para conseguir fugir e vou usar isso a meu favor.

Fazendo força e transformando meu medo em raiva começo a ter minhas pernas de volta. Agora é minha vez! Senti meus dedos formigarem e meus olhos arderem. Minhas mãos brilhavam e, de alguma forma, eu sabia que meus olhos também. Era uma luz

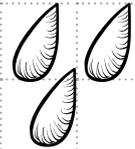
azul e quente que a cada vez que eu encostava em minha falsa irmã, ela se queimava e gritava de dor. Ela tentava se desvencilhar de minhas mãos, porém eu segurava seu pescoço com toda a força que tinha, queimando-a. Usei aquilo até ela desmaiar e eu ter o caminho livre para fugir. Sabia que não poderia enfrentar todos eles, então apenas corro o mais rápido que posso e, quando vejo uma luz no fundo, eu me lembro de mais uma memória.

– Você é uma bruxa e está destinada a salvar esse mundo.

Raquel Israely Dos Anjos Sergio, 16 anos*

*Membro vitalício

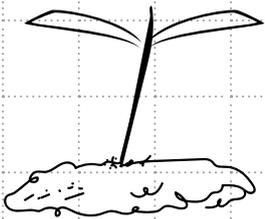




Freepik



CAMPO
LIMPO



A noite dos escravos

Uma má sociedade
de má qualidade
Com chefes e reis
de atitudes hostis

Parecem animais
Povos jamais
Bárbaros os feitores
mais que traidores

À noite, dor, angústia, medo
Uma chuva de vírus
Torna preto os céus
Infecta o vento
Na senzala o tormento

Destruição e desmatamento
o pior dos mandamentos
Os colonizadores pecantes
com suas almas indecentes
matam os originais viventes

Larissa Ignacio da Silva, 13 anos



EMEF FRANCISCO REBOLO

AEI: **Kiusam de Oliveira**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Cláudia Maria dos Santos Kawakami**

Coordenador das Atividades de Teatro: **Ricardo Armênio Moura de Santana**

Imaginação

Além do ponto mais alto
dos céus
algo existe
e implora por atenção
não o universo
nem as galáxias
algo que pode estar lá em cima
aqui embaixo, bem ali.
Não sai da nossa cabeça
existe, mas foi esquecido
abandonado entre as memórias
algo que não é único
compartilhável
que vive em todos os corações
O tempo é cruel
e, com ele, o ser memorável
é assassinado
levando embora consigo
a inocência, a cor,
o brilho e a infância,
mas enquanto ele vive

o universo e as galáxias
se tornam pequenos,
poucos metros
se tornam o infinito.
Tem uma porta
feche seus olhos
para com ela se reencontrar.

Larissa Ignacio da Silva, 13 anos



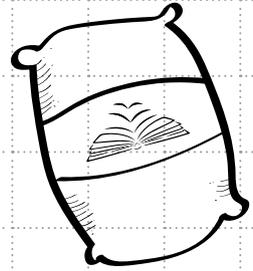
EMEF FRANCISCO REBOLO

AEL: **Kiusam de Oliveira**

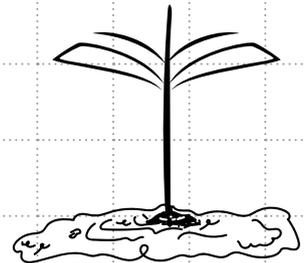
Coordenadora dos Estudos Literários: **Cláudia Maria dos Santos Kawakami**

Coordenador das Atividades de Teatro: **Ricardo Armênio Moura de Santana**





CAPELA
do
SOCORRO



Onde está Jorginho?

O dia tão esperado chegou. A festa na casa do Dani é hoje. Todos os alunos do 9º ano irão, ninguém quer ficar de fora. Jorginho e eu combinamos de ir juntos. Ele chega de carro, e seguimos para festa. Chegamos à festa, começamos a interagir uns com os outros, tudo está correndo bem. Em questão de minutos, Jorginho some. Ninguém na festa sabe dele. Sinto um aperto no coração, minha intuição diz que algo aconteceu. Onde será que está aquele menino?



Harley Mendes Lira*, 16 anos

*Membro vitalício

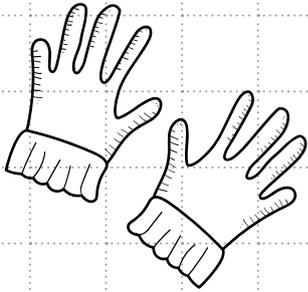


EMEF OLEGÁRIO MARIANO

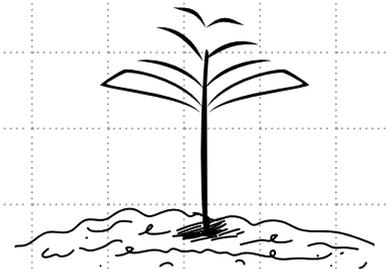
AEL: **João Gomes de Sá**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Diane Paula da Silva Simões**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Rosa Maria de Moura Martins**



! FREGUESIA / !
BRASILÂNDIA



Emoções exageradamente adolescentes

Eu sou do tipo que é péssima para qualquer forma de sociabilidade, uma negação mesmo. Tanto que só fiz amizade quando Gabriela entrou na escola, e apenas aconteceu porque ela tem uma extrema facilidade em se enturmar e faz amizade com qualquer um. Nunca entendi direito o porquê de ela me considerar sua melhor amiga, talvez seja pelo fato de eu ser a única a aguentar horas dela falando sem parar. Apesar de ser bem cansativo às vezes e...

Fui interrompida em meus devaneios pelo burburinho irritante de um pessoal amontoadado na mesa ao lado da minha, estavam todos ainda mais agitados, como se isso fosse possível, e falando demais para o meu gosto.

Por sorte, o professor adentrou a sala e, como o habitual, demorou uns dez minutos para que todos fossem para seus lugares.

– Ufa! Pensei que eles não iriam desgrudar de mim! - uma voz masculina com um sotaque estranho parecia estar falando comigo.

– Desculpa, você tá falando comi... - eu me virei achando esquisito alguém se dirigir a mim e fiquei pasma quando vi o rapaz que estava na minha frente. Na verdade, ele não tinha nada demais, seu cabelo era castanho e cacheado, o rosto oval e branquelo, com o nariz e boca tamanho médio. O que me paralisou foram os olhos... Aqueles olhos me chocaram, eram de um verde tão claro que chegava num tom bem próximo ao amarelo.

– E-eu te conheço? - falei finalmente me recompondo depois de encará-lo estupidamente por meio minuto.

– Não, é o meu primeiro dia aqui, desculpa falar com você do nada. É que você foi a única que não ficou em cima de mim e me enchendo de perguntas! - o garoto enrubesceu como pimentão, encolheu-se, virou-se e abriu o livro didático.

Entendi imediatamente o que estava acontecendo, ele era tão tímido quanto eu, devia estar tenso pelo excesso de atenção e queria desestressar com alguém. Senti uma necessidade incontrolável de puxar assunto.

– Você não é, né? Digo, do Brasil! - ele me olhou levantando as sobrancelhas e logo em seguida ficou vermelho de novo.

EMEF PROF. PRIMO PASCOLI MELARE

AEL: **Mário Quintana**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Jaqueline Vieira da Silva Boaretto**



– Não, eu sou do Canadá. Mudei com minha família para cá faz um ano e meio! - ficamos um tempo num silêncio desconfortável.

– Legal... Nunca conversei com um gringo antes! - risadinha nervosa.

– Além disso... Lara, dá para ficar quieta! Estou explicando o conteúdo! - o professor Fernando me cortou com aquele jeito incisivo irritante!

Eu me curvei em direção ao garoto:

– Esse é o professor Fernando, de Química. O povo da escola chama ele de fonofóbico! - o rapaz me fitou com cara de confuso – É que ele não pode ouvir nenhum tipo de ruído, senão ele surta e põe para fora da sala, a gente zoa que ele tem medo de barulho!

– Não parece! Para alguém que só se comunicou até agora gritando...

Nós dois rimos baixinho.

– Meu nome é Lara e o seu?

– Brian, prazer em te conhecer!

Olhamos um para o outro e meu coração palpitou repentinamente.

Brian e eu nos tornamos superpróximos, fazíamos quase tudo juntos, eu o ajudava em Português e História, matérias que ele tinha mais dificuldade, e ele me ajudava em Química, que eu era péssima! Não demorou muito para que minha melhor amiga sentisse ciúmes, mas consegui fazer com que ela e Brian se dessem bem. Passávamos o intervalo conversando coisas aleatórias, e o assunto nunca morria e, ao final da aula, ele me acompanhava até em casa, já que íamos embora pelo mesmo caminho.

Conforme o tempo passou, um sentimento crescia dentro de mim, algo que eu não conseguia descrever e aparecia sempre que eu estava perto dele. Quando conversávamos, normalmente era tranquilo, poderia ficar horas falando, mas quando ele se aproximava para sussurrar algo no meu ouvido, ou só tirar algo do meu cabelo, minha respiração reagia no automático, eu ficava ofegante e sentia uma agonia no peito, mas o pior era quando ele me tocava, eram em momentos comuns, para me chamar ou me abraçar, eu sentia meu rosto esquentar, falta de ar e não conseguia raciocinar direito.

Mesmo tendo todas essas emoções desorientadoras, que eram motivos suficientes para eu me afastar dele, não conseguia, pelo contrário, queria ficar cada vez mais perto de Brian e me entristecia quando chegavam os finais de semana e não nos encontrávamos pessoalmente. Justo eu!!! Ficar triste num sábado!!! Eu nunca me senti desse jeito antes!

Depois de seis meses aguentando tudo isso calada, decidi falar com Gabriela, expressei tudo o que ocorria. Era a primeira vez numa conversa nossa que era eu quem falava mais e ela só ouvia.

– É sério que você não sabe o que tá acontecendo? - Gabriela cruzou os braços e ergueu uma das sobrancelhas. Ela sempre se posicionava da mesma maneira quando estava estressada e eu achava muito engraçado.

– Que eu tenho alergia ao garoto? - exclamei zoando com a cara dela e segurando o riso.

– Caramba, Lara! É sério que ainda não se tocou?! Eu sempre conto dos meus casos amorosos para você. Francamente, achei que fosse mais esperta!

Meu corpo congelou, e na minha mente giravam apenas duas palavrinhas: "casos amorosos", "casos amorosos", "casos amorosos".

– O-o-o que vo-você disse? Eu na-não... O seu é diferente... É...

– Lembra do Carlos? Eu já tive uma que-dinha por muitas pessoas, mas ele foi o único por quem eu me apaixonei e sentia exatamente tudo o que você sente pelo Brian! – suspira.
– Como eu tinha dedo podre, meu Deus!!!

– Você não tá insinuando que eu...

– Sim, amiga, você está apaixonada!

Durante toda minha vida, quando o tema era amor, eu era sem sombra de dúvidas a que menos entendia do assunto. Nunca tive nada parecido, nem um "crush" de infância, uma queda por alguém, muito menos um sentimento como paixão! E eu gostava disso, principalmente depois de ter presenciado a Gabi sofrendo uma desilusão amorosa. Quinze anos e achei que eu iria sair ilesa.

Ela estava certa, eu estava apaixonada pelo Brian.

Respirei fundo antes de admitir.

– Você tem razão! Ai, cara! O que eu faço?! Agora que eu entendo, como vou olhar no rosto dele novamente? Acho que vou ter um ataque! Essa é a pior situação em que posso me encontrar, Gabi!

– LARA, RELAXA!!! Vai falar com ele! Expli-ca como se sente!

– E se ele me rejeitar? – segurei-a nos ombros quase sacudindo.

– Vida que segue, querida!

– Mas eu não quero perder a amizade dele!!

Gabriela de repente fechou a cara e olhou profundamente nos meus olhos.

– O cara deixou de ser seu amigo a partir do momento em que você começou a gostar dele. Precisa falar, Lara! Antes que você se apegue demais!

Eu entendia porque amava e valorizava tanto minha amiga, apesar de ser uma tagarela, quando eu estava com problemas, era sempre ela que me ajudava, mesmo que fosse por meio de um belo puxão de orelha!

No dia seguinte, já havia decidido que iria confessar a ele ao final da aula, estava absurdamente ansiosa, achava que ia morrer! Calma Lara, tem algo pior do que ele simplesmente falar que não gosta de você?! Aiiiiiiii! É claro que tem, um "eca" seria mil vezes pior!!!!!!

Ao longo do dia, Brian conversou comigo normalmente, mas eu estava hipersensível, com as emoções à flor da pele. E até então não havia reparado em coisas que só agora eu percebia, a forma que ele sempre bagunçava meu cabelo quando nos víamos, como ele me tocava do nada e sem motivo algum, ele sempre ficava vermelho depois que eu sorria e, por fim, a maneira totalmente diferente que ele me olhava em comparação aos outros.

E se for recíproco? E se ele gostar de mim tanto quanto gosto dele? O que eu faço? Estava tão preparada para a rejeição, que nem imaginei o que fazer nesse caso.

Estava chegando o final da aula, meu coração batia tão forte no peito que podia senti-lo por todo o corpo. Minha respiração estava entrecortada, minhas mãos estavam tão molhadas de suor e geladas como se tivessem saído de um freezer, meu estômago revirava como se um monte de motociclistas estivessem fazendo manobras lá dentro. Eu tremia tanto que a sensação era de que a qualquer momento minhas articulações fossem desencaixar. Quem ouvisse o que estou sentindo iria achar que estou passando mal, bem, é quase isso!!

– Brian! - levantei a mão chamando-o e me aproximei. Levei-o para um canto, respirei fundo, direcionei meus olhos para o chão e soltei tudo de uma vez. Me senti um rapper, do jeito que eu estava falando rápido!

Olhei no rosto dele temendo o que eu veria e ouviria... Ele estava literalmente de queixo caído, os olhos dele estavam tão arregalados que pude reparar que sua íris tinha umas manchinhas caramelo. Estralei meus dedos tentando conter a ansiedade.

Depois de seu estado de choque, ele olhou para o lado e ficou inacreditavelmente vermelho, quase roxo, abriu a boca como se fosse falar algo e fechou, respirou fundo, passou a mão pelo cabelo, ficou vinte e três segundos sem dizer nada e, por fim, olhou nos meus olhos da maneira mais carinhosa que já vi e falou:

– *I Love you too!*

Me puxou pela nuca, me deu um selinho e saiu correndo.

Fiquei muito tempo parada olhando para a parede onde ele antes estava sei lá quanto tempo, eu estava sobrecarregada de tantos sentimentos que eu não sabia o que exatamente estava sentindo. Mas um sentimento acabou se sobressaindo, a felicidade! A mais pura felicidade!!

Enquanto me dirigia para a saída da escola, vi minha amiga me esperando com as sobrancelhas franzidas de preocupação.

– E aí, como foi? - eu quase não a ouvia, mas tentei me recompor.

– Ele gosta de mim também! - acabei afinando a voz tentando conter um gritinho empolgado.

Gabi fez um sorrisinho de lado e exclamou:

– E então? O que vocês vão fazer agora?!

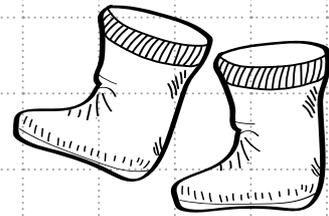
Relaxe os ombros e abri um sorrisão de orelha a orelha.

– Não sei, quem sabe?!

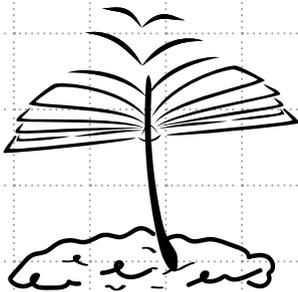
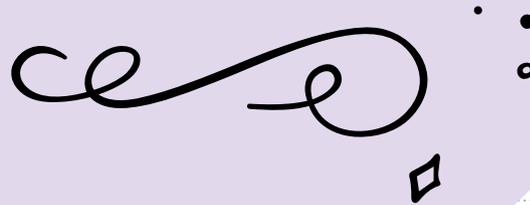
Beatriz Cardoso da Costa, 16 anos*

*Membro vitalício





!·GUAIANASES·!



Dizer que a vida é um sopro
se tornou clichê
mesmo assim não adianta
o ser humano só irá valorizar depois que perder

Mas pior que chorar de tristeza
é chorar de remorso
e felizmente essa dor eu não carrego
fomos felizes enquanto estávamos juntas
nesse plano

Mas ainda assim não entendo por que você se foi
e não aceito ter que conviver com a sua perda
a nossa casinha tá do jeito que você deixou
a única diferença é que só temos três
xícaras na mesa

As coisinhas mais simples são as que mais machucam
ter que tirar sua escova do banheiro
diminuir a quantidade de comida
e na hora de dormir, seu lado da cama
é o que mais esfria

Ficamos vulneráveis
você era tudo que eu tinha
do dia pra noite não tinha mais
você me deixou
aqui
sozinha

Mas eu vou seguir por você
que hoje se tornou a minha luz
de onde você estiver, me proteja
eu prometo que irei te dar tanto orgulho
do jeito que sonhamos

Me desculpa
Se ainda tenho muito que chorar
você me deixou e nem me deu um beijo
Mãe, você
sempre tão apressada
o que custava esperar?

Julia Gomes Bortolotti, 16 anos*

*Membro vitalício



EMEF PROF. ANTÔNIO D'ÁVILA

AEL: **Walcyr Carrasco**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Márcia Maria Dias Andrade Ferreira**

Eu não sei mais sentir e são nessas letras miúdas que escrevo o nada que sinto

A tristeza me rompeu faz alguns meses, mas ninguém percebeu

Eu perdi tudo, todos, tudo o que eu amava Deus, eu perdi o tempo

Eu perdi... As coisas se foram como areia entre meus dedos

Tudo...

Eu quero morrer!

Não, eu não quero morrer, só não aguento mais viver desse jeito

O desespero está tomando conta do meu ser tão rapidamente que não tenho tempo para respirar, não consigo organizar meus pensamentos, e então a crise, ela finalmente chegou e eu estou me entregando para que a dor seja de certa forma "menor", as lembranças corrompem o meu corpo como um vírus, estou tentando focar minha visão, mas estou tonta, estou me sentindo anestesiada, porém ainda sinto cada pedacinho meu arder como se estivesse sendo consumida pelo fogo, e assim o meu corpo produz um som de agonia, o som da tortura. Estou com os olhos abertos, arregalados, aflitos olhando para a porta trancada do banheiro para que ninguém me veja nesse estado deplorável,

a vergonha me faria pior? Estou tentando relaxar, deixar de lado a tensão que se encontra em meus ombros e desacelerar minha respiração, essa é a pior parte, tentar se acalmar enquanto o mundo cai sobre você com a delicadeza de um elefante, minhas mãos e minhas pernas tremem em um ponto que fica difícil levantar, um movimento de cada vez, estou de frente para o espelho e me espanto com o que vejo, não consigo reconhecer quem quer que seja essa moça de cabelos vermelhos terrivelmente desbotados e olhos castanhos que se tornaram vermelhos pela crise, "essa não sou eu", digo essa frase repetidamente até que eu aceite a minha mentira como uma grande verdade, então meu coração começa a sincronizar com a minha respiração, meus olhos vidrados no reflexo, a tensão nunca foi embora... Lavei meu rosto e com as pernas ainda trêmulas caminhei até a porta do banheiro, abri e lentamente pude sentir o ar frio passar pelos meus cabelos e novamente senti a máscara ser colocada em meu rosto.

Não sou mais eu,

Não sou a menina que um dia você conheceu.

Luiza Martins*, 16 anos

*Membro vitalício

EMEF PROF. ANTÔNIO D'ÁVILA

AEL: **Walcyr Carrasco**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Márcia Maria Dias Andrade Ferreira**



Uma cidade no leste

A chegada ao castelo do bairro foi diferente. Eu fui tirado do meu confortável trono e jogado ao extremo leste de São Paulo. O que era aquilo? Aqueles prédios enfileirados e aquela população humilde? Onde alguns exibiam sapato de 80 reais, já outros usavam pregos para tentar salvar o chinelo de dedo. Assim que cheguei ao meu apartamento de 44 metros quadrados, fui até a janela e vi pelos corredores crianças correndo e brincando de umas coisas que eu nem sabia dizer o que era. Os móveis foram chegando aos poucos e, na primeira noite, ouvi os "fluxos" da sorte, ao que tive que me acostumar, afinal, toda sexta-feira era a mesma coisa.

Mas assim como seus males, havia também suas benesses. Nas escolas, os fluxos são de saraus e de clamores dos alunos por mais solidariedade, eles querem a garantia dos seus direitos e os de todos em troca do cumprimento dos deveres. Nas praças, havia meninos pulando pra lá e pra cá, fazendo o que eles intitulavam de *parkour*. Da minha janela, eu via minha vizinha se maquiando, enquanto falava no celular. Com o tempo,

descobri que ela era uma Youtuber, já com mais de mil seguidores. De um lado, os meninos corriam num campo, que o Luciano Huck visitou, com o sonho de se tornarem jogadores. Já no outro, as meninas se reuniam em institutos de beleza, aprendendo a se maquiar.

Alguns dos mais velhos mostravam seu cansaço. É difícil trabalhar, aguentar a condução por horas a fio para, no final do mês, não sobrar nem um centavo. Eu observava também alguns garotos da minha idade vigiando carros para ganhar uma gorjeta. Quando eu ia para a escola de manhã, via algumas senhoras caminhando todos os dias, alimentando os cachorros. E, a partir do dia 18, via muitas nas filas na lotérica, esperando o benefício que o Estado paga para, quem sabe, levar uma feira decente pra casa.

Mas o que de mais interessante esse bairro tem, é a sede por melhora, seja de quem enfrenta muitas horas diárias na condução ou de quem procura outro jeito de obter seu ganha-pão.

Matheus Soares*, 16 anos

*Membro vitalício



EMEF PROF. ANTÔNIO D'ÁVILA

AEL: **Walcyr Carrasco**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Márcia Maria Dias Andrade Ferreira**

Pandemia

– Quinze dias de férias, quem diria. - digo enquanto jogo minha mochila no chão da sala
 – Passa rapidinho, eu acho.

As aulas tinham acabado de começar, mas já teria uma pausa, eu até gostei da ideia - o que me fez sentir um pouco de culpa - até então seriam quinze dias, o que hora ou outra iria aumentar, mas parecia um bom momento para descansar.

– Acho que logo isso vai acabar. - digo enquanto molho as hortelãs que estão em um grande vaso numa mesinha ao lado da janela.
 – Talvez devesse mudá-las de lugar, aqui não bate a luz direito...

Agora a quarentena já não era uma quinzena, agora não tinha data de retomada. Estava oficialmente de férias. E era isso que eu queria.

– Falando sozinha, Julie?

– Pois é. Quer dizer... sim, eu estava falando sozinha. – Não. Eu estava falando com a planta. Ou melhor, senti a sua presença. - ri.

– Não tem nada demais em falar sozinha, relaxa.

– Assenti, tentando parecer sincera.

Eu adoro minha mãe, mas simplesmente não curto companhia, tampouco conversas,

mesmo que breves, eu não consigo. Então, apenas sempre concordo com tudo pra não criar intrigas.

Os casos e mortes da Covid-19 vinham crescendo cada vez mais, a um ponto que já tinha atingido todos os estados do país. As aulas tinham voltado, e com elas uma montanha de lições que eu - sem querer - deixei para fazer de última hora e acabei esquecendo. Já era outono e, por conta do frio, era mais difícil ter coragem para levantar da cama. Mas, mesmo assim, eu o fazia. Isso tudo estava me deixando exausta.

Vejo uma mensagem enviada há poucos minutos de uma de minhas amigas, aliás a única com quem eu ainda mantenho contato.

"eai"

"tudo bem?" - não, eu não estou nada bem.

"Tudo, sim, e você, como andam as coisas?"

"bem"

"te mandei mensagem para te convidar para minha festa de aniversário, na próxima quinta, você vem?"

"Não, eu não vou"

"mas pq? vai ser legal, eu vou na sua também, prometo." – Estamos em meio a uma pandemia, a resposta certa seria: " – Por que eu iria?".

"Não vai dar, meus pais não deixam"

"sério? eu vou ficar brava se você não for."

EMEF ALEXANDRE DE GUSMÃO

AEL: **Thata Alves**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Célia Emy Shima**



"todo mundo vai" – Todo mundo vai.

"eu não vou no seu quando você fizer então."

Sempre tão dramática. Meu aniversário foi no início de fevereiro, e ela não me desejou feliz aniversário. Maravilha, ela nem lembrou até hoje, não é como se tivesse feito falta.

"Me desculpa mesmo, não é minha culpa, você sabe como eles são..."

"deixa você também"

Não respondi mais, bloqueei, excluí o número dela. Fantástico, agora eu não tenho mais amigos mesmo. Talvez eu não a considerasse como uma amiga realmente. Se sim, teria conseguido convencê-la a não fazer uma festa. Talvez eu tenha me arrependido. É, eu tinha me arrependido. Mas odiava conversar com ela, sempre me sentia mal depois.

No dia seguinte, consertei tudo, ou melhor, quase consertei tudo. Decidi que iria para manter minha amizade - péssima ideia. A garota prometeu que a festa estaria vazia.

Mentiu.

A festa tinha dezenas de pessoas, algumas colegas da escola, a família inteira dela. Praticamente vazia. Não valeu a pena ter ido. Festas de aniversário são apenas várias pessoas andando de um lado ao outro, presentes para demonstrar quanto adoram o aniversariante e, por fim, os parabéns. Fiquei a festa inteira sentada ao lado de uma tia da garota, que parecia solitária.

Prometi a mim mesma que nunca mais iria em uma festa.

No início do inverno, em junho, já tinha desistido de fazer as atividades da escola. Eu

não conseguia. Toda vez que ia fazer, por fim, desistia. Agora em julho, quando seriam as férias - se elas não tivessem sido adiantadas em abril - decidi que tiraria minhas próprias férias, até o final do ano. Uma decisão um tanto quanto tola.

– Boa tarde, filha. - ouço minha mãe dizer em tom irônico.

– Bom dia, mãe. - respondo animada. – Vou tomar café.

Encharco as hortelãs que pareciam terrivelmente secas. Nos últimos dias, elas vinham ficando assim. Colhi algumas que pareciam melhores, para preparar um chá. Enquanto bebo, ouço minha mãe tossir em outro cômodo da casa.

– Tudo bem?

– É só uma tosse. - diz enquanto tosse novamente.

Na verdade, não era só uma tosse.

Gripe, dor de garganta, febre. Tudo que minha mãe teve até decidir ir ao médico.

Exames e exames. Resultado: Covid-19, vulgo coronavírus. Minha família inteira, inclusive eu, também fomos contagiados.

Uma semana se passou. Minha mãe acabou tendo complicações, foi internada. E com essa notícia, veio mais uma. Uma tia de Amélia tinha sido diagnosticada com a mesma doença dias antes da festa de aniversário. E ela estava lá. Mas, pelo visto, praticamente todo mundo que estava na festa sabia da notícia, ninguém praticamente se aproximou dela, eu sim - eu fiquei sentada ao lado dela a festa inteira.

No fim, era minha culpa, eu fui totalmente irresponsável. Eu não pensei nas consequências. Fui egoísta. Boba. Estúpida. Eu odeio tudo isso.

Encharco as hortalãs que pareciam esplêndidas, mais vivas do que nunca. Depois de uma semana da internação de minha mãe, elas decidiram ficar assim.

– Que droga! Morram, plantas idiotas!

Por que elas têm que ficar assim logo agora, momento em que tudo piora, quando as coisas estavam bem elas estavam horríveis. Acabei caindo no choro novamente. Não era a primeira, nem a última.

"A morte faz parte da vida"

Minha mãe ficou um mês inteiro no hospital. Não pude visitá-la por conta da doença que ela tinha. Não pude me despedir.

Demorei um tempo para superar isso. A culpa me atormenta mesmo depois de quatro meses. Tudo se tornou tão vazio, tão banal. Toda essa situação era desoladora.

Minha família inteira me culpava. Agora eu estava sozinha. Se é que já não estava antes. Tudo tinha caído por terra.

"Eu aceito suas desculpas, não é sua culpa, eu que deixei você ir."

Lembrei da frase que minha mãe disse, na última vez que a vi. Ela me perdoou, suas palavras pareciam sinceras, isso é o que importava. Tudo pode ter sido minha culpa, mas do que adianta eu ficar assim? Eu errei, sei disso, agi por impulso, eu não sabia. Mas eu me perdoou. Não posso. E não vou me culpar pelo resto de minha vida.

"É um ano difícil, não uma vida ruim."

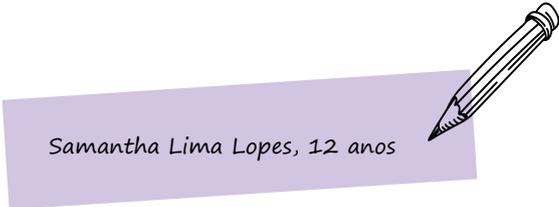
Seguir em frente, sempre é a melhor opção. Foi o que fiz. Em fevereiro, já estava me sentindo melhor. Revigorada. Consegui me desfazer de manias ruins, pessoas que não me faziam bem e de noites difíceis. Tirei as hortalãs do vaso que ficavam e as coloquei no jardim. Dei meu melhor, mesmo ainda me doendo.

– Acho que logo isso vai acabar.

Ariela Ferrari, 15 anos



Racismo é uma coisa muito feia de se fazer com as pessoas.
Se você estivesse no lugar da vítima não iria gostar.
Ninguém tolera mais o seu ato de odiar...
Ao nosso povo temos que amar
Não selecione
Flexione
Seja amor
Chega de tanto rancor
Ninguém nasceu odiando outra pessoa pela sua cor
Racismo, preconceito e discriminação em geral.



Samantha Lima Lopes, 12 anos



CEU EMEF ÁGUA AZUL

AEL: **Sérgio Vaz**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Katiuscia Kinue Kurosu**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Mariana Rosana Inglês**

A professora de Matemática,
com suas contas complicadas,
falando em equações,
no Teorema de Pitágoras.

A professora de Português,
com seu modo indicativo,
falando em advérbios, charge,
interjeições, substantivos.

A professora de Geografia,
com seus complexos regionais,
falando em sítios urbanos,
em pontos rurais.

O professor de Ciências,
com seus ensinamentos ecológicos,
falando em evolução,
em estudos biológicos.

O professor de História,
com seus povos bizantinos,
falando da Idade Moderna,
do Imperador Constantino.

A professora de Inglês,
com seus *don't, do* e *does*,
falando em *personal pronouns*,
na diferença entre *go* e *goes*.

A professora de Artes,
com suas obras e seus artistas,
falando em artes ópticas,
em pintores surrealistas.

O professor de Educação Física,
com suas regras de voleibol,
falando sobre basquete,
em times de futebol.

Os professores da minha escola,
com suas matérias que às vezes não entendemos,
falando de coisas inovadoras
que pouco a pouco aprendemos.



Ana Ewellyn Souza Silva, 15 anos



CEU EMEF ÁGUA AZUL

AEL: **Sérgio Vaz**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Katiuscia Kinue Kurosu**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Mariana Rosana Inglês**

Preste atenção

Ei, preste atenção!
Bater nos animais...
Não e não!

Não é só de bater que estou falando,
judiar, deixar sem comer, com essa maldade
o mundo vai acabando.

Cães e gatos
Vira-latas dá um dó só de ver,
Passam fome e apanham,
Porque não sabem se defender.

Pior do que os vira-latas,
Alguns são maltratados pelo próprio dono,
Só porque aprontaram ou desobedeceram
Eles apanham e morrem.

E os pássaros, outros bichos das florestas,
São tirados do seu lugarzinho e quem os
roubou faz a festa.

Os animais são inocentes,
Não sabem raciocinar,
Eles adoram brincar com a gente,
Correr ou voar
E gostam muito de pular...

Eles merecem carinho, amor e atenção,
Além disso, são fiéis e nunca vão te deixar na mão...

Por mais que aprontem,
Você tem que ensinar, animais são seres para a gente amar.
Se conhecer violência contra eles corre para denunciar,
Ajude o mundo a fazer isso acabar.

Ana Cláudia Alves Gonçalves,
13 anos



EMEF DIAS GOMES

AEI: **Dias Gomes**

Coordenador dos Estudos Literários: **Felipe Ferreira de Oliveira**

Coordenador das Atividades de Teatro: **Leandro Alves Machado Torres**

Poema sobre cachorro

Ele é peludo, pode ser grande,
Ou "pequetuxo", não importa!
Ele sempre vai te alegrar,
com uma simples lambida na cara!

Quando você chegar em casa,
Vai pular em você!
Imagina... Toda vez que você chegar,
Vai levar uma lambida que vai ter um sorriso
De orelha a orelha!

Totó, Spock, Peludinho e até mesmo Francisco!
Não importa o nome!
O sorriso que ele vai te dar,
Vai ser sempre o mesmo!

E na hora do banho? Vixe!
Quem se molha mais?
Ele ou você?
Parte mais divertida esse ser "humaninho"
Alegra qualquer um!



Emily Beatriz Aragão Gonçalves Queiróz,
12 anos

EMEF DIAS GOMES

AEL: **Dias Gomes**

Coordenador dos Estudos Literários: **Felipe Ferreira de Oliveira**

Coordenador das Atividades de Teatro: **Leandro Alves Machado Torres**



Defesa dos animais

O que são os seres animais
São bichos que nos tornam essenciais
Alguns usados para a alimentação
Outros mantemos de estimação

Cachorro, gato, passarinho
Todos precisam de carinho
Seja o animal que for
Todos necessitam de amor

Não podemos jogar lixo no chão
Porque isso causa poluição
E se a sujeira cair no mar
Os peixinhos, sem entender, vão se alimentar

Pequenos animais são indefesos
E alguns humanos são maldosos
Com isso temos que ter cuidado
Para não tratar os animais errado.



Milena de Souza Augusto, 12 anos



EMEF DIAS GOMES

AEL: **Dias Gomes**

Coordenador dos Estudos Literários: **Felipe Ferreira de Oliveira**

Coordenador das Atividades de Teatro: **Leandro Alves Machado Torres**

Meu remédio

A vida é difícil,
isso não podemos negar,
mas também não podemos negar
que depois de tantas tempestades,
vem o Sol nos iluminar.

Nós decidimos que rumo seguir.
As pessoas que nos apoiam na vida
nos fazem parar e refletir...

Com você aprendi a amar,
com você aprendi a ser feliz.
Com você aprendi que nem sempre
as coisas serão como queremos...

Sinto sua falta...
Meu coração às vezes dói,
revivendo tudo que passei...

Mas, lembro-me de você
e penso que pra toda ferida
existe um remédio.

Você me faz feliz.
Você me faz sorrir.
Você me faz querer
continuar a viver...

Meu remédio é VOCÊ.



Lais R. Corti, 14 anos

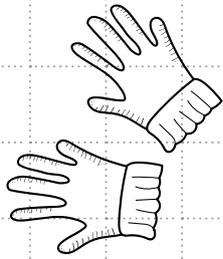


EMEF PROF. LUIZ ROBERTO MEGA

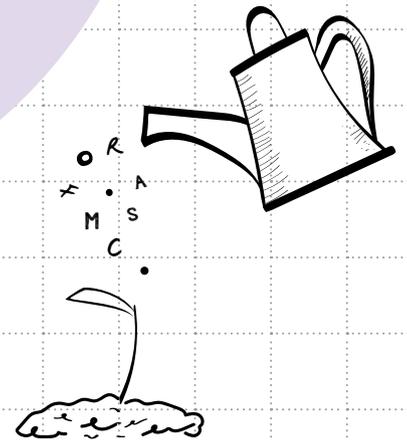
AEL: **Machado de Assis**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Fernanda Marques**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Cláudia Patrícia Prado Cavalcante**



! IPIRANGA !



O que deixei de dizer

Antes da pandemia, eu não percebia quão importante era o toque para mim. Principalmente, o toque dele.

Eu e Fran sempre fomos melhores amigos, desde o berço, já que nossos pais são amigos desde o colegial. E, juntos, levávamos uma vida normal, antes, é claro, de um vírus fatal gerar uma pandemia.

De primeira, não parecia nada sério. Quinze dias sem aula era quase como um sonho.

– Você viu que vamos ficar duas semanas sem ir para escola? Vou aproveitar para maratona o meu seriado.

– Sim, eu vi!

– Bem que poderiam emendar até o Natal!

Mal sabia eu que tudo isso duraria muito mais... Nos primeiros dias, até que foi legal. No entanto, começaram a estender cada vez mais nosso tempo em casa, e foi aí que tudo começou a dar errado e eu percebi que não seria só uma gripe.

As semanas foram passando, e depois meses. Acabei me afastando de muitos amigos, mas não do Fran. Víamos filmes juntos, jogávamos, baixamos redes sociais

diferentes, até começamos a praticar yoga. Tudo isso para não nos sentirmos sozinhos.

Todas as noites eu passava em claro pensando no que eu teria feito se tivesse tido mais cinco minutos sem esse vírus. E foi em uma dessas noites que percebi que teria ficado ao lado dele. Sem máscara nem distanciamento. Só eu e ele.

Era óbvio que isso não daria certo. Eu não poderia estragar uma amizade de anos assim. Então guardei para mim, continuei sendo só a melhor amiga do Fran.

Ao completarmos nove meses de quarentena, as férias de verão chegaram. Não fazia muita diferença para mim, já que eu continuaria trancada no quarto, navegando na internet ou lendo algum livro bobo de fantasia, que me fizesse esquecer da atual realidade. Mas para a família do Fran fazia muita diferença.

O pai dele trabalhava em um posto de saúde e recebeu vinte dias de férias. Eles, então, aproveitaram a oportunidade para viajar para a praia. Seria algo rápido, tomando todos os cuidados possíveis.

Ainda assim, Fran acabou sendo infectado no terceiro dia. Eles voltaram imediatamente e o levaram ao único hospital que ainda tinha leitos disponíveis. Ao chegarem lá, constatou-se que 55% do seu pulmão já estava comprometido.

EMEF PROFA. SYLVIA MARTIN PIRES

AEL: **Adélia Prado**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Katia Rocha Silva Vilela**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Ivone Rodrigues Freires**



Eu fiquei desesperada, o que poderia fazer sem meu melhor amigo de toda a vida? Mesmo assim continuei conversando com ele todos os dias, tentando não transparecer todo meu medo. Seu pulmão piorava a cada dia, e os médicos não tinham tanta esperança. Eu tinha. Ele era um menino forte e já tinha pegado todas as doenças que você pode imaginar. É claro que ele conseguiria.

Em uma madrugada qualquer, Fran me ligou.

– Oi. Tá podendo falar?

– É claro, eu estaria ocupada com o quê às 2h da madrugada?

– Verdade, desculpa.

Fran nunca pedia desculpa, alguma coisa estava acontecendo.

– O que você quer que não pode esperar até amanhã de manhã?

– Vão me intubar daqui a algumas horas. Talvez não tenha como falar com você depois.

– Para de bobeira. Eu...

– Eu amo você. Tipo pra valer.

– Isso não é algum tipo de trote não, né?

– Nesse momento, vocês já devem saber que eu esperava muito que não fosse um trote e, ao mesmo tempo, estava completamente assustada. Ele seria intubado daqui a algumas horas!

– Antes de poder me responder, ele começou a tossir, a tossir muito.

– Fran, você está bem? Quer que eu chame alguém?

Ele não conseguia responder, só ficava tossindo. E foi aí que eu ouvi uma espécie de

apito e algumas pessoas gritando "Código-Azul". Não, isso não podia estar acontecendo.

Rapidamente, acordei minha mãe e fomos para o hospital. O caminho foi de muito silêncio e pressa. E lá estava ele, conectado a diversos tubos e máquinas.

Pela primeira vez, eu não pude estar ao lado dele. Não podia nem dizer que tudo ia ficar bem.

Seus pais vieram até mim com lágrimas e olhos inchados:

– Ele não está mais aqui, querida. Ele se foi.



Brisa de Paschoal Conceição, 14 anos

Cidade de São Paulo

São Paulo és bela
És bela como um poema
Na terra da garoa
Onde mora gente boa

Mas não se engane não
Nessa terra não mora só gente boa
Tem ladrões
Que assaltam com as mãos

Tenho muito orgulho
De morar nessa cidade
Que tem tanta diversidade



Bárbara Borghi Gonçalves*, 10 anos

*Membro vitalício



EMEF PROFA. SYLVIA MARTIN PIRES

AEL: **Adélia Prado**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Érika Nadal Ferreira Rodrigues**

Coordenador das Atividades de Teatro: **David J. Ferreira**

Felizes para sempre?

Felizes para sempre?

Não! Felizes por agora.

E se eu te contar que a história
da Bela Adormecida não acaba no
felizes para sempre?

Ela, coitada, foi acordada de seu sono profundo
Sem direito algum de contestar a situação.
E você acha que o príncipe foi herói da história?
Não, ela foi a heroína. Ela passou pelos
quinze anos sozinha, ele não fez mais que a
obrigação em ajudar.

A Cinderela, então?

De empregada, virou rainha e mesmo assim
Continua tendo que passar pano no chão.
O príncipe? Virou rei e é um folgado
de marca maior
Levou a mina para o castelo
e toda santa vez reclama que ela deveria
usar mais amarelo.

"Azul é cor de homem, e esse vestido é decotado.

Não confio em te deixar sozinha,
vestida assim só anda se for do meu lado"

Felizes para sempre?

Não! Felizes por agora.

E se eu te contar que assim

Como é com a Bela,
com a Branca

E com a Cinderela

É com a Maria, com a Anna e com todas
as minas da favela?

No interior ou na cidade,

No morro ou no bairro

Não importa onde esteja

Sempre tem um macho vil pra todo lado

Se tá de decote, é porque tá exibindo.

Se tá de batom vermelho é vulgar.

EMEF PRES. PRUDENTE DE MORAIS

AEL: **Maurício de Sousa**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Margarete de Almeida Fonseca Bispo**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Thaís Schmaedecke**

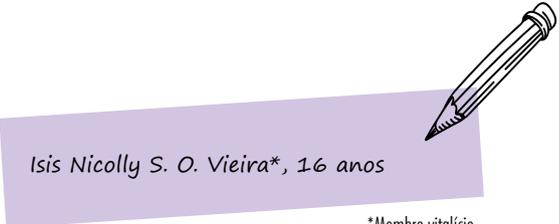


Você acha que o que visto
 Define meu caráter e esse é
 um dos motivos que me faz ir à luta
 Chama tua irmã de baranga e trata tua mãe
 igual mulher de rua
 Eu me decepcionei demais
 Mas ainda tenho esperança de que um dia
 A sociedade mude.

Já que a rima não te convence do que rola,
 Vou te mandar umas estatísticas, escuta:
 O Brasil é o quinto país mais violento
 para mulheres
 Uma, a cada quatro meninas, sofreu abuso
 ao longo de sua vida, 70% das vítimas desse
 crime, inclusive, eram próximas de seus
 agressores.
 Oito em cada dez casos de feminicídio
 ocorrem dentro de casa
 Mais de 90% das mulheres já foram vítimas
 de assédio no transporte público
 Em 2017, foram 606 casos de violência
 doméstica
 E 164 estupros por dia
 Um estupro a cada 9 minutos, uma mulher
 registrando agressão sob a Lei Maria da Penha
 A cada 2 minutos
 E você ainda acha pouco?

E eu vou te falar, na sinceridade
 Eu acho mesmo é que nunca
 Existiu um felizes para sempre, de verdade
 Você pode até achar que eu tô na maldade
 Achar que de "feminazi" isso é vaidade
 Mas quando te escolhem só pela beleza
 Se casam pela castidade e te
 dispensam pela sua liberdade...

E pode vir debater comigo,
 eu sei levar bem a crítica
 Pode vir me fazer textão e
 Desenterrar coisa de política
 E talvez você até esteja certo
 Afinal, feminicídio nem exista
 É só mais uma desculpa
 Pra gente se fazer de vítima.



Isis Nicolly S. O. Vieira, 16 anos*

*Membro vitalício

Luta

Mil oitocentos e noventa e três
FINALMENTE! As mulheres votaram pela
primeira vez.
Dois mil e dezenove, século XXI,
As mulheres se uniram pra algo em comum.
Tentando fazer a revolução
Enquanto os *boys* só pensam em
libertinagens e sedução.
Estamos fazendo o mesmo trabalho
E, mesmo assim, não recebemos o
mesmo salário.
Eu quero igualdade
Dentro dessa imunda sociedade,
Onde um cara abusa de uma garota
Pra no final dizer que foi "sem maldade"?!
Eu vou resistir,
Vou persistir,
Pois eu não vou deixar de vestir
Aquilo que eu gosto, por medo.
Tire suas mãos de mim!
Eu não sou seu brinquedo.
Esse tom de voz você vai baixar,
Vai nos respeitar

E a ideia de que mulher só serve pra curtir
Da cabeça você vai tirar, arrancar e
esmagar!
Só espero que isso vocês possam entender,
E com os erros aprender,
Um país cheio de violência,
Estamos em pura decadência.
O machismo para alguns é banal
Mas para nós é fatal.
Aliás, onde já se viu
Um país mais genocida que o Brasil?



Karoline Linheira da Silva*, 17 anos

*Membro vitalício



EMEF PRES. PRUDENTE DE MORAIS

AEL: **Maurício de Sousa**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Cristiane de Jesus**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Eliane Dolce Guerriero**

Minha religião

Esse mundo só pode estar com defeito,
 Eu nunca vi um povo tão cheio de preconceito...
 Eu sou da umbanda,
 Onde todas as respostas são brandas,
 O conhecimento vem das dores mais dolorosas,
 Vem de onde dona Josefa se sentia uma das medrosas,
 Vem misturada com abre caminho e alecrim,
 Onde entidade nenhuma tem camarim.
 Você não é obrigado a gostar,
 Cada um tem direito de desadorar,
 Pedimos apenas que possa respeitar!
 Mas, se chuta oferenda na encruzilhada
 E ainda insiste que só porque eu cultuo santo, eu tô errada
 Você não tem respeito a minha religião...
 Ora Yêiê, ô, Oxum, Odoya Iemanjá e salve São Sebastião!
 Abram os caminhos!
 E levem paz para todos esses coraçõezinhos



Karoline Linheira da Silva*

*Membro vitalício

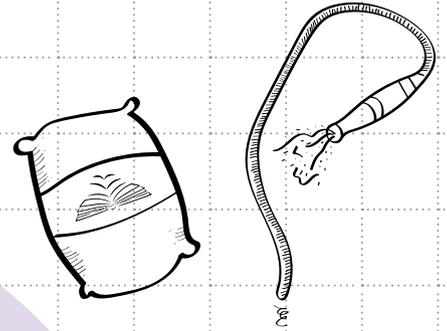


EMEF PRES. PRUDENTE DE MORAIS

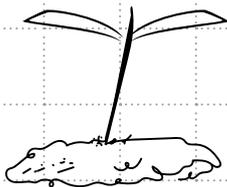
AEL: **Maurício de Sousa**

Coordenadoras dos Estudos Literários: **Bruna Sartori e Magda Aparecida Caravajido Pena**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Eliane Dolce Guerriero**



! ITAQUERA !





O corpo era algo sem forma. Na verdade, era inexplicável. Algo abstrato, cheio de cores, olhos por todos os cantos. Suas extremidades rachadas e, ao mesmo tempo, nada. Absolutamente nada. Talvez um vazio, que tinha um tom escuro, meio esfumaçado, sem boca, olhos ou nariz. Era algo que nada poderia descrever.

NADA.

Pelo menos ele se sentia assim, de uma forma inexplicável. Que nem Deus e o diabo poderiam entender.

O ambiente era pequeno e estreito. Tudo ali parecia ser grande demais.

A mesa em sua frente ocupava quase toda a sala e uma pilha grotesca de papéis com números e letras sem sentido era a única coisa que estava sobre ela. Havia um girassol na janela fechada a tábuas, entretanto ele estava morto. E, por fim, uma cadeira pequena e simples completava aquele cenário claustrofóbico.

Depois de um tempo, um homem alto, extremamente alto, chegou ao lugar. Ele entregou uma caneta ao "inexplicável" e berrou coisas que já havia dito no dia anterior.

Sua tarefa era assinar aquela pilha de papéis e, enquanto não terminasse, aquela bola de ferro presa embaixo de si não sairia.

– Mas eu já não tinha feito isso ontem?

Nem mesmo sabia explicar sua voz, era turbulenta, nem feminina nem masculina.

– Estou vivendo isso há dois anos.

E começou a fazer o de sempre. O som da caneta era algo rotineiro de ouvir. Quem sabe, poderia fazer isso de olhos fechados, pois isso era mais vicioso do que respirar.

O tempo passou e o relógio, que não parava de bater, marcava 8h30. Era sua hora de sair.

Aquele homem de antes apareceu e grunhiu algumas coisas não legais de se ouvir. Certificando-se de que tudo ali tinha sido perfeitamente feito, ele saiu, porém, acabou deixando a porta semiaberta. Um erro fatal.

"Coisa", como vamos chamar nossa forma inexplicável, viu uma luz saindo pela fresta da porta. Era uma cor nunca vista antes. Um amarelo amigável, luminoso, que parecia ser quente e confortável. Coisa podia sentir isso dali. Era uma sensação tão estranha, mas muito familiar.

– Venha.

Chamava, e Coisa, por alguns instantes, cogitou ir, mas a luz que admirava foi barrada pela silhueta grosseira do homem alto.



EMEF ROQUETTE PINTO

AEL: **Ziraldo**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Kelly Aparecida Brandão Avelino**

Dessa vez, ele trazia consigo uma chave, com um formato quadrado.

Então, ele dispensou Coisa, por ora.

Coisa pegou sua maleta e, quando estava para abrir a porta, a esperança de encontrar aquela luz ganhava espaço em seu interior escuro. Mas ela morreu em um tiro. Não havia nada, além de uma parede velha e descascada de cor cinza.

– O que eu estou fazendo aqui?

E correu, ainda se lembrando da luz que tinha visto. Seria uma loucura? Uma alucinação? Coisa teria visto alguma coisa? Ninguém sabia.

Era tudo fantasioso, Coisa não sabia mais o que era realidade nem imaginação, sua vida só tinha se tornado uma mesma história de uma vez.

Andando na rua, observou o céu em cima de sua cabeça. Ele era cinza, muito, muito cinza. Talvez fosse chuva, talvez poluição, talvez. No fim, era só o céu.

Algum tempo depois Coisa chegou a sua casa e já sabia o que teria de fazer: tomar banho, fazer a janta e assistir TV.

Diferentemente do seu local de trabalho, a casa não era tão pequena, porém era extremamente vazia. Dava até solidão. O que decorava cada cômodo, além dos móveis respectivos, eram os quadros com formas coloridas. Um triângulo azul, um quadrado verde, uma estrela vermelha, por aí vai...

No banheiro, Coisa se olhou no espelho. E para seu espanto, mas nem tanto, viu outro ser.

– Isso sou eu...?

Era ainda mais enigmático. Não tinha forma, mas Coisa sabia que o que via era real.

E terminou o banho demorado, mas ainda sentia o "corpo" sujo.

Escolher suas roupas era algo sem sentido, pois sabia que sempre pegaria as mesmas. Uma blusa branca e uma calça preta.

Coisa não estava com fome, mesmo não tendo tomado seu café da manhã. Por isso, apenas decidiu realizar o velho ritual de procurar programas na TV, mesmo sabendo que não iria achar nada.

Porém, algo zumbia em sua mente, era aquela luz. Como Coisa não a tinha visto antes? Por que ela apareceu ali, de repente?

Talvez, Coisa só quisesse vê-la novamente.



Kauanny Souza Alves, 14 anos

Esperança

Vinha pisando sobre a rua,
tudo quieto, muito sombrio,
as ruas leves como eu nunca tinha visto
Mas olhando pelas janelas
encontrei solidão, pessoas
sozinhas sem nenhuma consolação.
Tudo muito difícil, existindo um risco.
Mas temos esperança
de que um dia voltará a alegria,
o festejo e a harmonia de estar
protegido e se sentir menos coagido



Evelyn Miyuki Nyoha, 14 anos



EMEF ROQUETTE PINTO

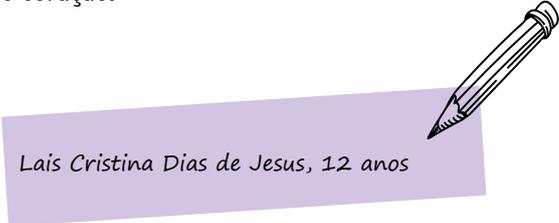
AEL: **Zivaldo**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Kelly Aparecida Brandão Avelino**

Devemos ser humildes

É necessário que façamos uma
pequena mudança todo santo dia!
Que seja no caminho de casa ao trabalho
No papel de parede do computador
ou...
na música do nosso despertador.
Novas cores, um novo olhar,
Um jeito melhor de enxergar o outro.
Colorir a vida com pequenas novidades faz bem!

Para a memória e para o coração.



Lais Cristina Dias de Jesus, 12 anos



EMEF ROQUETTE PINTO

AEI: **Zivaldo**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Kelly Aparecida Brandão Avelino**

Um amor duvidoso

Eu moro em um bairro com várias crianças.

No dia em que nos conhecemos, eu estava em casa terminando de arrumar minhas coisas para ir brincar, quando eu olhei para ele e senti uma química enorme entre nós.

O tempo foi passando, até que eu percebi que ele só ficava comigo, a gente andava juntos de bicicleta, nós ficávamos longe das outras crianças para conversar melhor, éramos muito próximos.

Uma vez, estavam todas as crianças brincando, ele começou a me ignorar, ficava me olhando e não falava nada. Foi quando suspeitei que ele poderia estar gostando de mim, pois quando os melhores amigos dele não estavam, ele falava comigo. Sempre que estávamos conversando, alguém falava que "éramos um casal". Ele falava em um tom diferente comigo, aparentava ser mais educado do que com as outras crianças, ele me provocava e, ainda por cima, não saía do meu lado.

Quando a quarentena chegou, nós nos afastamos e eu não consegui perguntar o número do telefone dele. Ele é meu vizinho, tenho vergonha de ir até lá. Mas um dia eu volto a conversar com ele.



Allana Avelina Crispim, 12 anos



EMEF ROQUETTE PINTO

AEL: **Zivaldo**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Kelly Aparecida Brandão Avelino**

Dia a dia

O meu dia a dia é bem bacana,
Eu tomo café e arrumo a cama.

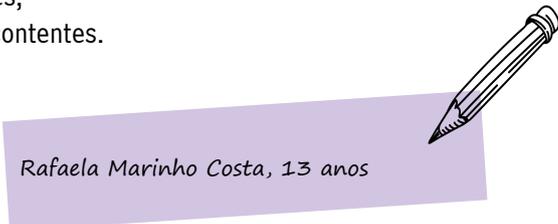
E logo em seguida eu vou para o sofá,
Para mexer no celular.

E é aí que eu faço lição,
E nessa hora aprendo de montão.

Ao meio-dia eu vou almoçar,
E com a minha família vou conversar.

E no final do dia eu tomo um banho,
Lavo meu cabelo que é castanho.

Antes de dormir eu escovo os dentes,
Deito-me na cama e tenho sonhos contentes.



Rafaela Marinho Costa, 13 anos



EMEF ROQUETTE PINTO

AEL: **Zivaldo**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Kelly Aparecida Brandão Avelino**

Palavras, doces palavras, belas palavras

O poder que cada letra, cada sílaba, cada parágrafo ou cada acento tem são infinitos. Letras que juntas formam palavras e, usadas para a comunicação de todos os seres humanos, formam histórias, poesias e arte.

Arte, a arte de se expressar e de se representar através delas.

Às vezes, na calada da noite, quando uma tempestade de sentimentos se aproxima e começo a me afogar em meio a eles, eu pego o meu diário e, aos poucos, eu me desmancho, mas vou me reconstruindo com palavras.

Cada ponto, vírgula ou acento se tornaram aquilo que me sufoca. Quando menos percebo, estou erguida e em pé. Toda aquela tempestade passou para o papel e aliviou o meu peito do peso que ali habitava.

Em tempos como este, em que um abraço virou um perigo, encontrei um abrigo em meu diário, onde nele eu transformo tempestades em letras e sentimentos em poesia.



Fernanda Araújo Leite, 14 anos



EMEF ROQUETTE PINTO

AEL: **Zivaldo**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Kelly Aparecida Brandão Avelino**

Nesta pandemia preserve a vida
Distribuindo porções de amor
Tomando vacina, curando ferida
Suscitando na alma o fulgor

A quem nada sabe, ensinar
Aos que têm sede, dar de beber
A quem nos ofende, perdoar
Aos famintos, dar de comer

Os defeitos alheios suportar
Sorrir e enfrentar a solidão
Aos tristes, buscar consolar
Viver o amor sustenta o coração

A vida é curta demais para brigar
Viver sem perdão, vivendo na solidão
A vida é para viver com amor
Então viva a vida, porque ela é curta.



*Ruan Yago Gomes do Nascimento,
12 anos*



EMEF ROQUETTE PINTO

AEL: **Zivaldo**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Kelly Aparecida Brandão Avelino**

2021... há esperança

Início de 2020, todos acharam que poderiam ir à escola, viajar, passear e ver os amigos, todos acharam que seria mais um ano normal como os outros. Mas não foi bem assim, em fevereiro um vírus se alastrou pelo Brasil, um vírus que já tinha começado em dezembro de 2019 lá na China, todos achávamos que seria uma coisa passageira até o primeiro de muitos casos acontecer no Brasil.

O vírus foi se alastrando cada vez mais, até piorar tudo e fechar escolas, igrejas, comércios, etc... começou uma quarentena que aumentava o prazo a cada quinzena. Estamos há mais de um ano nesta pandemia, e claro que aconteceram muitas coisas ruins, como: hospitais cheios de casos de covid, a perda de amigos e familiares, ter que ficar em casa sem ver amigos, familiares e professores.

Mas no meio de tudo isso, coisas boas também aconteceram: famílias ficaram mais próximas, pessoas se recuperaram do vírus, sentimos falta da escola (nunca pensei que iria sentir), valorizamos o abraço, o contato, o aperto de mão. 2020 não foi um ano bom, mas se olharmos de outra forma, não foi tão ruim assim, coisas boas também aconteceram e cabe a cada um de nós refletir que esse vírus veio para matar, mas também para mudar.

Que 2021, mesmo já tendo começado, possa trazer a cada um, o desejo de fazer diferença, o desejo de mudar.



Ana Júlia de Moraes Arcângelo,
12 anos



EMEF ROQUETTE PINTO

AEL: **Zivaldo**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Kelly Aparecida Brandão Avelino**

O grande círculo

O grande círculo se inicia quando você nasce, cresce, estuda, se forma, ama, desama, namora, casa, tem filhos, encolhe, fica doente, perde a sanidade e morre, mas quando parece que o círculo terá um final, ele apenas começa de novo.



Vitor Bueno Fernandes, 12 anos



EMEF PRES. KENNEDY

AEL: **Maria Clara Machado**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Katia Bachiega Rosti e Souza**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Maria Bernadete Vale Ferreira**

Voando na poesia

Palavras saem da minha boca
e pulam para o papel
a preocupação de não rimar
e o medo de falhar,
os poemas são meus sinceros pensamentos
de todos os tipos de sentimentos,
não posso ter medo de rejeição,
pois a prática leva à perfeição.

Alegria, raiva, medo, angústia
já não posso mais evitar
apenas vou aproveitar
as palavras bonitas que vêm a minha mente
vou dizer o que sinto
escrevendo livremente.

Isso ajuda a relaxar
mas não sei como explicar,
queria sair da realidade
ter mais liberdade,
fugir dos problemas
apenas escrevendo poemas,
bom, já falei demais.

mas acho que não vou parar jamais,
será que tenho um significado
para explicar?
só fui escrevendo
o que me veio a pensar.

Ah, já sei o que falar
apenas nunca deixe de sonhar.



Danielle Ribeiro de Andrade, 13 anos



EMEF PRES. KENNEDY

AEI: **Maria Clara Machado**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Katia Bachiega Rosti e Souza**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Maria Bernadete Vale Ferreira**

A flor solitária

Naquele campo vazio, onde quase nada vivia ou poderia achar, fazia morada uma pequena flor, uma flor solitária.

Nego-me a dizer, se era uma intensa violeta, ou um doce rosa, ou até mesmo um exibido girassol, pois ninguém a achara, portanto não foi nomeada. Seu maior desejo era ser apreciada.

Todos os dias, o Sol lhe fazia companhia ao nascer, e a Lua ao anoitecer. Eles a iluminavam com muito prazer.

A pequena flor sempre que podia lhes perguntava quando iria ser apreciada. Este era o seu maior desejo. Nunca soube como era de fato, pois não deu a sorte de nascer próximo a um riacho. Jamais soube, realmente, se havia algum motivo para ser cheirada, mesmo assim, desejava.

O Sol apenas ria com a inocência da pequena flor. Sempre a alertava: – Oh bela flor, o mundo é cruel, tens sorte de nascer em um campo, isolada, tu não sabes, mas és a flor mais linda que já iluminei. Trazes vida a este campo vazio, és, portanto, especial. O que seria deste lugar se fostes arrancada? Não vejo outro motivo para iluminar tal espaço, a não ser pela tua presença.

A Lua sempre dizia: – Tua existência alegra esse pequeno campo. Ilumino-te sempre que posso, da forma mais romântica possível. És a flor mais linda de todo luar. Contenta-te, minha pequenina. Este é o teu lugar. A flor mais linda do mundo, que ninguém pode encontrar.

Porém, ela não dava ouvidos. Estava perdidamente determinada a ser a flor mais linda e almejada.

Sempre respondia da seguinte forma: – Do que adianta ser apenas bela, se ninguém pode me ver? Por que não nasci uma bela árvore em meio ao parque? Assim teria um propósito: dar frutos e, certamente, seria a árvore mais frutífera já vista. Por que não nasci uma rosa? Assim, junto de minhas irmãs, poderia ter como propósito alegrar o dia de belas moças e belos rapazes com meu doce aroma e, certamente, seria a rosa mais cheirosa já encontrada. Ao invés disso, nasci uma pobre flor que nunca foi encontrada, cujas únicas companhias são o Sol e a Lua. - e, mais uma vez, passava o dia a sonhar.

Um dia, a pequena flor avistou pessoas vindas em sua direção. Era tanta emoção que não conseguia se controlar. Encontrou uma pose, na qual ela achava ficar mais bonita. As pessoas foram se aproximando e pareciam

EMEF BRIG. CORREIA DE MELLO

AEL: **Lima Barreto**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Ana Lucia de Miranda Francisco Silva**



estar montadas a cavalos, mas ela não se importou. Aquela era a sua chance de ser, finalmente, a flor mais linda já encontrada. Até que de repente... Nada! Nada além de uma enorme escuridão da qual sentiu medo. O que havia de errado? A florzinha foi completamente destruída, após ser atingida pela pata de um dos cavalos que conduzia as pessoas. Foi arrastada até um riacho. A pobrezinha estava tão destruída, mas, mesmo assim, tentou admirar seu próprio reflexo. Foram só tentativas em vão. Ela nunca pôde apreciar sua beleza.

O vento, ao observar tudo aquilo, teve pena da flor. Aquele certamente seria seu fim. Ele, em uma tentativa de salvá-la, levou-a para um longo passeio, porém, no meio do caminho, ele a perdeu.

A pobre flor ficou em um lugar completamente distante, onde, desta vez, ninguém a acharia. Nem o próprio vento sabe para onde ela foi, nem o Sol, nem a Lua, nem ninguém.

Grande ironia do destino eu diria, parece que agora a pequena flor será para sempre solitária. Não poderá ser aquecida pelo seu amigo Sol ao acordar, e nem irá se deitar com o belo luar da sua amiga Lua, nem mesmo trazer vida para o campo vazio. Será, para sempre, a flor mais bela, que nunca pôde ser apreciada pelo mundo.

Como eu sei que era a flor mais linda que existe? Bem, ela nunca foi visualizada, portanto não tem como ser comparada. Sua beleza é inimaginável. Consegues imaginar uma flor? Tenhas a certeza de que nenhuma é tão

linda quanto ela, e nenhuma será, pois ela é a flor mais linda do mundo, cujo destino é nunca ser encontrada.



Heloisa de Oliveira Feitosa, 14 anos

A sepultura

Era o Dia de Finados, dois de novembro. Jonhy, um garoto adolescente de 13 anos, ruivo, sardento, fã de rock, e seu irmão Billy, 10 anos de idade, loiro, com doces olhos azuis, foram visitar e levar flores no túmulo do avô Jack, que havia deixado saudades.

Jonhy, como era irreverente, já chegou ao cemitério tratando mal o coveiro. Arrancava as flores das sepulturas e jogava pedras nas lápides, sob o olhar envergonhado e horrorizado de seu irmão Billy, que era o oposto dele.

Pediu para que parasse, mas Jonhy continuou sem dar importância aos pedidos. De repente, algo chamou a atenção de Billy: uma lápide e um nome escrito na cruz, "Diabo". Só havia data de nascimento, não havia a de morte! Billy achou estranho e muito assustado falou:

– Vamos embora, vamos!

Os dois saíram correndo do cemitério sem olhar pra trás. Chegando em casa, subiram as escadas apavorados, sem ao menos falar com a mãe.

Um pouco mais calmos, à noite, decidiram assistir a uma série. Os dois dormiam no mesmo quarto e acabaram adormecendo.

Jonhy despertou com um barulho de passos rápidos no seu quarto. Gritou pelo irmão, imaginando ser ele. Olhou para o lado, e a cama de Billy estava vazia. Estranhando tudo, escondeu-se debaixo das cobertas. Sua respiração estava acelerada, e seu coração parecia que iria sair pela boca. Foi então que ouviu uma voz que sussurrava:

– Você pisou na minha sepultura! Agora você está preso a mim.

Jonhy, mesmo transpirando muito, não tirava o cobertor e se lembrou do que havia feito no cemitério.

A voz continuou a sussurrar:

– Vá agora ao cemitério ou você e sua família sofrerão um grande mal, todos pagarão!

O medo de que algo ruim pudesse acontecer a sua família, mesmo assustado, fez com que ele retirasse o cobertor que cobria a cabeça. Não viu ninguém. Levantou-se, foi até o quarto de seus pais e viu que estavam dormindo. Decidiu não acordá-los para não deixá-los preocupados, e também porque não queria contar o que tinha feito no cemitério.

Foi vagarosamente até o banheiro e encontrou Billy. Contou tudo o que havia acontecido. O irmão duvidou só por uns instantes, mas também sentiu receio e medo, e ficou aborrecido com Jonhy, por suas atitudes irresponsáveis.



EMEF BRIG. CORREIA DE MELLO

AEL: **Lima Barreto**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Ana Lucia de Miranda Francisco Silva**

Os dois estavam apavorados, mas decidiram voltar ao cemitério para livrar a família do grande mal.

Saíram de casa sem fazer barulho para não acordar seus pais e caminharam trinta minutos até chegarem ao cemitério.

Escuridão da noite e com as pernas tremendo, viram que o portão do cemitério estava fechado. Resolveram pular, escalando o portão, que era de grades.

Caminharam até a sepultura, olhando atemorizados para todos os lados. Chegando ao destino, Jonhy viu uma bebida escura, cor de sangue, sobre o túmulo, e um papel onde estava escrito: "Beba-me".

Billy pediu que o irmão não bebesse, mas Jonhy queria resolver logo aquela situação.

Tomou a bebida que tinha um gosto horrível. Na mesma hora, ouviu-se um uivo.

Billy virou-se para ver de onde estava vindo aquele som medonho. Ao retornar seu olhar para Jonhy, seu irmão não estava mais ali. O que apareceu diante de seus olhos foi um monstro horripilante, com enormes olhos esbugalhados e o corpo coberto de pelos.

Billy correu, escondeu-se atrás de um arbusto e ficou de longe observando aquele monstro. Não sabia que aquele monstro era seu irmão Jonhy, que começou a ter alucinações. Na cabeça de Jonhy começaram a passar cenas de atitudes que ele havia cometido. Ele colocando chicletes na cadeira da professora, amarrando o cadarço dos colegas para que caíssem, o bullying que

fazia com os gordinhos e com aqueles que usavam óculos, os palavrões que soltava, as vezes que respondia mal aos pais, os cascos que dava no irmão, até os puxões que dava no rabo dos cachorros e gatos, e, por fim, viu a cena dele pisando na sepultura.

Quando olhou novamente para aquele amontoado de terras, Jonhy viu, desta vez, um bolinho de cor alaranjada e um papel escrito: "Coma-me". Jonhy comeu e, nesse momento, começou a rever todas suas atitudes más, só que agora ele era o protagonista da história que sofria as ações.

De repente, viu-se grudado na cadeira, todos rindo ao seu redor e caindo de joelhos no chão com os cadarços amarrados. Colegas zombando de seu corpo que num passe de mágica começou a engordar, engordar e pronto; gordinho, gordinho. Óculos que pesavam no seu rosto! Tudo era motivo pra risos dos outros. Seus pais gritando com ele sem dó, sem pensar nos seus sentimentos, assim como seu irmão que lhe batia sem motivo algum. Por um instante, viu-se transformado em um gato, enquanto um garoto malvado lhe puxava o rabo. Sentiu uma enorme dor. O mesmo aconteceu ao transformar-se em cachorro. Por último, sentiu seu corpo coberto de terra e alguém pisando sobre ele.

Jonhy provou na pele o quanto havia sido malvado em toda sua vida. Nesse momento, escorreu uma lágrima dos olhos daquele enorme monstro. Eram lágrimas de arrependimento por tantos males causados.

As lágrimas escorreram pelo seu rosto e por todo o corpo, levando embora os pelos e aquela imagem monstruosa.

O que tornava Jonhy um monstro eram suas atitudes. A partir do momento em que se arrependeu de verdade, voltou a ser um garoto novamente.

Billy, que estava todo o tempo escondido atrás do arbusto com muito medo, ao ver aquele corpo conhecido, mesmo não entendendo nada, correu e deu um abraço no irmão, mesmo confuso com toda aquela situação.

Jonhy percebeu que suas atitudes faziam dele um monstro, mas admitiu que precisava e queria mudança, e gostaria de consertar tudo o que havia feito de errado, as mágoas que causou.

Começou pela sepultura. Ajoelhou-se sobre a lápide para desculpar-se pela falta de respeito ao pisar nela de propósito, por brincadeira. Naquele momento, caiu uma garoa fraca, mas foi o suficiente para que na lápide, antes escrita "Diabo", agora escorresse uma tinta púrpura, onde foi possível visualizar um nome "Jack Boaventura", 1940 a 2018. Sobre o túmulo, uma cruz em que lentamente os olhos de ambos percorreram os escritos: "Nunca deixe o mal dominar seus pensamentos. Não faça aos outros o que não gostaria que fizessem a você".



André Luiz Rocha Rodrigues, 12 anos

Adara

Era uma vez uma bela moça com lindos cabelos negros como a noite e ondulados como o mar. Adara era o seu nome, muito admirada por ser tão bela, bondosa e encantadora.

O pai sentia muito orgulho da moça, tanto que os outros dois filhos sentiam-se ignorados e achavam que o pai tinha preferência a Adara. Porém isto não era verdade.

Os garotos decidiram, então, fazer alguma coisa que chamasse a atenção do pai para eles. Pensaram durante dias e dias, e tiveram uma terrível ideia. Sedaram Adara.

Enquanto a irmã dormia, foram até seu quarto, amordaçaram e arrastaram-na até um lugar abandonado e muito distante, no meio da floresta. Foi então que começou uma terrível tempestade, com trovões muito fortes. Os garotos abandonaram Adara, que estava sob efeito do sedativo, e correram para casa.

O pai não percebeu a ausência dos filhos, mas sentiu a falta da filha. Perguntou a ambos se sabiam do paradeiro da irmã. Os dois irmãos estavam muito nervosos e responderam que não sabiam.

Amanheceu! O pai estava extremamente preocupado. Como era um homem abastado,

mandou empregados irem atrás da moça, porém não a encontraram.

Adara, por sua vez, ao acordar, não sabia onde estava, e nem como fora parar naquele lugar. Estava toda molhada e suja, sua pele tinha queimaduras do Sol.

Assustada, começou a chorar, soluçava muito e andava em círculo, parecia estar em um labirinto, aquele lugar era estranho e lhe dava muito medo.

Encontrou uma aldeia indígena e lá permaneceu, sem memória.

Fazia muito tempo que Adara havia desaparecido. Seu pai não comia direito há dias, seu maior desejo era encontrar sua filha querida.

Os irmãos, muito arrependidos, foram atrás de Adara, mas não a encontraram. Então resolveram confessar o que fizeram.

Quando o pai soube, ficou arrasado e foi atrás da filha.

Após um longo tempo, dias e dias de chuva e Sol, finalmente encontraram Adara, mas havia algo estranho. Não reconhecia os irmãos e nem o pai, ela realmente não se lembrava. Seu pai entrou em desespero, os irmãos não sabiam o que fazer, e todos começaram a chorar.

Adara por tanto tempo havia desaparecido e



EMEF BRIG. CORREIA DE MELLO

AEL: **Lima Barreto**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Ana Lucia de Miranda Francisco Silva**

quando finalmente a encontram, ela simplesmente não se lembrava de nada.

Durante todo o período ausente, estivera na aldeia, junto a uma comunidade indígena que a acolheu muito bem. Aprendeu muitas coisas com eles. Os indígenas que habitavam aquela floresta conheciam muitos segredos sobre a terra, sobre a natureza, inclusive uma forma de recuperar a memória de Adara, porém, se ela estivesse mentindo, ela poderia virar uma árvore.

Adara não concordou, pois tinha certeza de que aquela não era sua família, e que pertencia à etnia que a acolheu. Após tanta insistência, ela resolveu aceitar. A vontade de saber a verdade era maior que o medo do desconhecido.

O responsável pelo elixir iniciou a receita que precisaria de três ingredientes: água de uma terrível tempestade com trovões muito fortes, as lágrimas de cada um deles, inclusive as de Adara, e o chá do sono profundo. Este último, só os guerreiros da aldeia sabiam como preparar. Ficaram dias para conseguir o que precisavam e, assim que encontraram, levaram àquele que se incumbiria de preparar tudo.

Quando tudo estava pronto, Adara bebeu aquele composto estranho e fedorento e caiu em um sono mais que profundo.

Depois de passar horas e horas adormecida, finalmente acordou. Olhou para todos ao seu redor e não sabia o que dizer, mas conseguia lembrar-se de tudo, menos o que os irmãos haviam feito.

O pai estava extremamente feliz, uma felicidade que não cabia em um sorriso, mas ainda havia os filhos que, por mais que pedissem, implorassem perdão, precisariam receber uma punição pelo que haviam feito. Antes mesmo que seu pai pensasse em puni-los, os dois rapazes haviam se transformado em árvores com grandes galhos e pouquíssimas folhas. Duas árvores secas, castigadas pelo Sol.

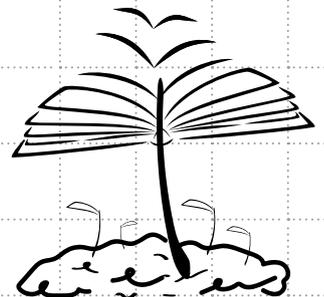
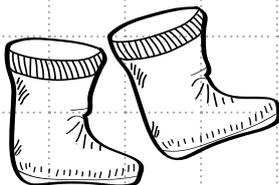
Adara, mesmo assim, continuou amando seus irmãos. Todos os dias, ela regava aquelas árvores secas, na esperança de que um belo dia pudessem florescer e, quem sabe, dar belos frutos! E o pai, mesmo sabendo da diferença entre os filhos, amou-os com a mesma intensidade.



Sabrina Lauton Scoton, 14 anos



! JACANĂ / !
TREMEMBÉ
e e



O estatuto da Arte

ART. I - MÚSICA

Fica decretado
Que a música é poesia
E vai muito além de letra com melodia
É sobre se encontrar em cada verso
E ser acompanhado a cada passo.

ART. II - TEATRO

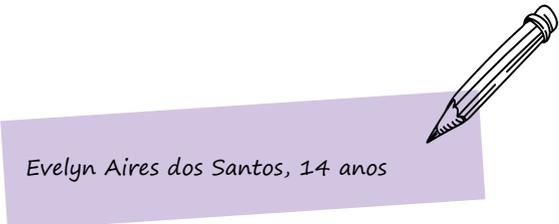
Fica decretado que o stand-up é para se divertir
E se entregar de corpo e alma e sorrir.
Se assistir a um suspense, fique calmo
E deixe que a magia do teatro entre em seu coração.

ART. III - DANÇA

Fica decretado que viver é dançar com a vida
E que cada passo que damos reflete a ela.
Baile com os acertos e erros
E verá que dançando terá harmonia.

ART. IV - PINTURA

Fica decretado que pintar é expor mundos
E transmitir sentimentos através de pincéis.
As cores nas pinturas são como iscas
Que seduzem os olhos, compartilhando emoções.



Evelyn Aires dos Santos, 14 anos

EMEF LOURENÇO FILHO

AEL: **Ilan Brenman**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Newci Sanches Prado**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Regimara Afonso de O. D. Mufalo**



Agora entendo

Agora começo a entender
O que a raposa quis dizer:
"Como não existem lojas de amigos,
Os homens não têm mais amigos".

Compreendo agora
Os diversos mundos
De sentimentos egoístas
Que só têm os adultos.

Será que cresci?
Não posso deixar isso acontecer.
Será que envelheci?
Não posso me deixar envelhecer!

Não quero perder a pureza,
A inocência e a imaginação,
Que só se tem quando é criança,
Mas criança de coração.

Não quero perder a alegria
E a vontade de brincar
Que só se se tem quando é criança,
Quando se deixa cativar.

Com o passar do tempo,
Comecei a entender
Como se tornar adulta
Sem nem muitos anos ter.

Mas quero entender de verdade,
Como apesar da idade,
Continuar com o coração puro
E livre de vaidade.

Livre de egoísmo,
Orgulho e preocupação.
Me deixar ser cativada
E voltar a enxergar com o coração.

Júlia Ramos Ferreira*, 15 Anos

*Membro vitalício

EMEF LOURENÇO FILHO

AEL: **Ilan Brenman**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Newci Sanches Prado**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Regimara Afonso de O. D. Mufalo**



O amor

Uma confusão de sentimentos que demoram a ser aceitos e entendidos.

Alguns acreditam em amor à primeira vista; outros acreditam em "pessoa certa" e muitos não acreditam em nada, pela sensação de ter o coração partido. Mas, olha, o amor está em toda parte: no sincero carinho de uma mãe; nas risadas com os amigos; nos momentos; noto que até mesmo na companhia de um bichinho de estimação.

O maior erro dos jovens é acreditar que nunca vão amar novamente (o que é uma tremenda mentira).

As pessoas questionam demais. Sempre tem aquela questão: "pessoa certa na hora errada" ou de "não era pra ser". Talvez devêssemos aproveitar mais os momentos, que são únicos, que não voltam.

Sabe aquela sensação de borboletas na barriga? Então, eu posso afirmar que essa é uma sensação única e inexplicável.

Existem várias formas de amar e todas valem a pena. Mesmo que acabe um dia, sempre nos lembraremos da sensação desse amor e, no fundinho do peito, vai bater uma nostalgia junto com saudade dos velhos tempos...



*Nicolly Fernanda Germano de Assis,
13 Anos*

EMEF LOURENÇO FILHO

AEL: **Ilan Brenman**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Newci Sanches Prado**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Regimara Afonso de O. D. Mufalo**



Um abismo de incerteza

Será que realmente estou em mim?

Sendo tudo aquilo que desejam, mas nem sequer vendo e decidindo do meu jeito?

Fui criada para me empoderar e decidir, mas como? Não consigo me achar.

Escuto, engulo e faço. Realizo tudo o que me é direcionado, mas até quando isso vai durar?

Não acho que a todo momento precise ser assim. Só queria viver um pouco mais de mim.

Decisões sendo tomadas para um futuro que nem sequer sabemos se vai existir... Planos acima de tudo, será que realmente deve ser assim?

Aprendi e vejo, a felicidade está em cada instante de nosso dia a dia. Ela sobrevive com a disposição, então como vai existir com tanto padrão?

Não, não! A partir de agora eu digo basta! E para isso não tem hora marcada, contagiar o meu povo com a tal da felicidade, ela ainda será alastrada.

Não quero ser reconhecida por uma criação, apenas por difamar uma grande decisão.

A incrível euforia da felicidade, aquela que é justa e verdadeira, aquela do fundo do coração.

*Rayane Gabrielle de Oliveira Fabris,
15 anos*

*Membro vitalício

EMEF LOURENÇO FILHO

AEL: **Ilan Brenman**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Newci Sanches Prado**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Regimara Afonso de O. D. Mufalo**



A vigária Amélia, uma versão moderna

Ela era uma mulher de cabelos brancos como a neve. Em um entardecer do dia primeiro de maio de mil novecentos e cinquenta e nove, aconteceu um desastre que ninguém poderia imaginar, sequer acreditar. Foi uma explosão avassaladora.

– Aaaa!!! O que aconteceu? - perguntou para si mesma a mulher de cabelos brancos.

De longe, ela podia ver um homem caído no chão, tossindo muito. Ela foi ajudá-lo e disse a ele:

– Você está bem? Parece tão pálido!

O homem não conseguiu responder, pois a tosse não permitia que ele dissesse palavra alguma. Ela então percebeu que, mesmo não tendo respondido, o homem não estava nada bem. Aproximou-se dele e foi surpreendida quando ele a apertou contra si com uma força descomunal.

– Me solta! - gritou ela, em meio à tosse.

Ele não a soltava. Parecia um zumbi, apegado à mulher. Tentou ela abrir a mão forte do homem, mas não conseguiu. Acabou levando uma forte mordida do estranho homem. Assustada, tentou se soltar dele e,

conseguindo finalmente, fugiu para a igreja. Aquele poderia ser um lugar seguro.

Na casa de Deus havia muitas pessoas naquele dia. Infelizmente, elas não estavam rezando ou cantando louvores, mas assustadas e sofrendo com ferimentos. Algumas, inclusive, já estavam mortas.

Alguns médicos trabalhavam incansavelmente ali, atendendo as vítimas da explosão. A mulher dos brancos cabelos tentou falar com um médico, dizendo:

– Doutor!

– Pois não. Você precisa de ajuda? Sente-se, por favor! - respondeu o médico, procurando acomodar a mulher num banco da igreja.

Sentada, ela pensava em sua família! Como e onde estariam seus parentes próximos: marido e filho? Na mesma hora que pensou nisso, percebeu seu filho adentrando apressadamente na igreja. Surpresa e feliz, ela correu ao seu encontro e abraçou o menino.

– Filho, você está bem? E seu pai?

O menino respondeu que estava bem, mas com um olhar triste, mostrou para a mãe o chapéu do seu pai. A mulher acreditava que seu marido fazia parte das vítimas fatais da explosão, mas se surpreendeu quando o menino apontou para um canto da igreja. Ao voltar



CEU EMEF JAÇANÃ

Coordenadora dos Estudos Literários: **Marcia Cristina dos Santos Jupi**

o olhar ao lugar indicado pelo filho, reconheceu seu marido, acompanhado de várias outras pessoas, todos muito diferentes.

A mulher percebeu que quase todas as pessoas presentes na igreja ou já tinham se modificado ou estavam se modificando, assumindo feições fantasmagóricas. Profundamente assustada, a mulher de cabelos brancos perdeu a consciência. Ficou desmaiada por algum tempo até que, finalmente, acordou.

Novamente desperta, a mulher acreditava ter passado por um lamentável pesadelo, mas não, parte era realidade e outra parte era ainda pior que um pesadelo. Quando recobrou as forças, levantou e teve a pior de todas as visões de sua vida: o corpo do seu filho, também morto, jazia ao seu lado. Com todo sofrimento de uma mãe, foi até ele e abraçou o cadáver. Chorou muito. Talvez não deixasse de chorar nunca.

Enquanto chorava, sentiu a presença de alguém que se aproximava dela. Assustada e amedrontada, gritou com todas as suas forças:

– Fique longe de mim!

O estranho homem não disse palavra alguma, mas percebeu que a mulher tremia. Lutou contra si mesma e, finalmente, disse com voz rouca:

– Você está bem? Parece muito pálida!

A mulher tentou responder, mas era perceptível que ela não tinha uma voz humana, mas rosnava fortemente. O surpreso homem respondeu:

– É mais uma fera! Eu não tinha dúvidas!

A mulher ainda passava muito mal, até que

desmaiou. Foi socorrida pelo homem que pensou consigo mesmo: "Isto será fácil demais!" Mas quando se virou, foi surpreendido por algo que o agarrava sem deixá-lo ver claramente do que se tratava.

Olhando para a mulher e para a fera ao mesmo tempo, o homem percebeu que ambos eram a mesma coisa, ou seja, a mulher era projeção da fera ou seria a fera uma projeção da mulher? A luta travada entre o homem e a fera foi muito longa e cruel, já que durou dois dias inteiros.

Depois de aniquilar a fera, finalmente, o homem tornou à Igreja, onde reencontrou a mulher a quem informou que havia dado fim no terrível monstro. Resignada a mulher se ofereceu em sacrifício dizendo:

– Agora é minha vez. Pode me matar também!

O homem não entendia o pedido, pois acreditava que a mulher queria viver já que estava livre de sua terrível projeção. Ela implorou que ele desse cabo de sua vida para que pudesse, enfim, ficar livre da maldição e do sofrimento que foi perder seu filho e ter servido como alvo de uma projeção tenebrosa, monstruosa.

Com muita coragem, o homem tirou a vida da mulher a quem pensava ter salvado e, em sua memória, construiu um túmulo onde ela foi sepultada e serviu para referenciar a lenda que leva seu nome: Vigária Amélia.



Nicholas Lins Rocha Ribeiro, 15 anos

Inclusão de sonhos

Parte 1: Le debut

Todas as pessoas são individuais e únicas. Não há ninguém que sequer se pareça comigo...

Meu nome é Geovana, tenho 17 anos e sou cadeirante. Quero narrar os fatos de um dos dias mais mágicos da minha vida que, com certeza, não vou esquecer jamais. Muitas pessoas se perguntavam como seria uma festa de debutante de uma jovem cadeirante. Pouco tempo antes, minha mãe me perguntou que presente eu gostaria de ganhar no meu aniversário. Eu não tive dúvidas e respondi logo: – Quero uma festa!

Logo, os preparativos começaram. E foram muitos: aluguel do vestido, organização geral da festa, DJ e tantos outros detalhes. O vestido da festa era maravilhoso. Parecia digno de uma princesa na cor coral e com pedrarias no corpete. Era um modelo tomara que caia arrebatador.

A contratação do buffet também foi um sonho. Tudo era em tons rosa e preto. A princípio, pareciam normais essas medidas de organização de uma festa, mas não era bem assim. Nem tudo era tão simples, pois era uma festa que precisava ser acessível a mim e a outros cadeirantes, todos meus mais caros convidados.

Tudo foi perfeitamente organizado e pensado bem porque não é sempre que se organiza uma festa para uma debutante que é cadeirante. Chegado o grande dia, 11 de julho de 2018, tudo estava impecável. A pista de dança guardava todas as pessoas mais importantes da minha vida, todos juntos, me aguardando carinhosamente.

Minha entrada foi triunfal. Naquele momento, eu não era uma jovem debutante apenas, mas uma princesa recém-chegada do cabeleireiro, ricamente maquiada e portando sobre minha cabeça uma majestosa coroa de *strass*.

Um príncipe me aguardava na porta para me conduzir à tão sonhada valsa. Eu rodopiava leve e delicada como uma pluma reluzente ao longo do salão. Minha cadeira de rodas era encantada!

Um túnel de quinze pessoas da minha família e amigos representavam os 15 anos da minha agitada vida. Todos, assim como eu, estavam felizes e muito realizados. Os meus 15 anos foram um marco de felicidade para todos os que compartilharam comigo a vida e, agora, celebravam unicamente a vida e a alegria dela.

A partir desse momento, tive certeza de que qualquer sonho ou objetivo poderá ser alcançado e, quando acontecerem, imortalizarão os instantes para que sejam lembrados por toda a vida.



CEU EMEF JAÇANÁ

Coordenadora dos Estudos Literários: **Marcia Cristina dos Santos Jupi**

Parte 2: A passarela da vida

Numa manhã fria do dia 11 de julho de 2019, dia do meu aniversário, saí da minha casa rumo ao Planalto Central, precisamente a Brasília, para a realização de um sonho.

Os cinco dias mágicos, ainda mais para uma menina cadeirante, para quem quase tudo é limitado. A inclusão, na maioria das vezes, é só uma bonita teoria, sem prática alguma. Mas com força de vontade e garra tento fazer da inclusão uma realidade em minha vida.

Em Brasília, fui participar do encontro de talentos de uma empresa com sede local, da qual ganhei uma bolsa para mostrar meus talentos de modelo e atriz. Lá, eu me senti como todas as meninas da minha idade em busca dos seus sonhos. Foram dias de desfile, testes de áudio e vídeo, fotos e workshops. Foram apenas cinco dias de muito aprendizado e muita magia. Subir numa passarela e desfilar, mesmo estando em uma cadeira de rodas, e ser aplaudida por todos, foi uma sensação indescritível.

Após essa experiência, tive certeza de que sou capaz de superar barreiras pessoais e de que a inclusão tem que ser valorizada e respeitada. Todo deficiente tem capacidade de fazer um mundo melhor, mesmo com as

dificuldades que tem, e continuar correndo atrás dos seus sonhos, porque, a cada dia que passa, sei que sou capaz de realizar os meus sonhos. E a vida segue com a certeza que podemos ter um mundo melhor e mais inclusivo. E VIVA A DIFERENÇA!



Geovana Martins Madureira, 18 anos

A amizade

Amigos surdos,
Tenho lembranças das nossas conversas,
Nunca esquecerei.
Amizade sincera e eterna.

Maria Eduarda Pereira dos Santos,
13 anos



Família

Minhas lembranças;
São da minha família.
Os bolos, as festas que nunca esquecerei;
Minha família é grande;
Eu os amo muito;
Cada um deles é um pedacinho de mim;
Família! Eu te amo!

Ashiley Gabrielly Dias, 13 anos



O tempo

O tempo é igual essa folha de papel;
Lembranças me deixaram;
Encontrei em meus desenhos;
A felicidade.

Gabriel Viricimo Lopes, 14 anos



Vovó

Minhas lembranças;
Que jamais esquecerei são da minha vovó.
Sinto muitas saudades!
Uma pessoa muito amada por mim.

Rafaela Lima Machado, 14 anos



O Trabalho

Das minhas lembranças,
Só fica um desejo.
Trabalhar, para realizar meus sonhos,
Roupas comprar.
E família ajudar.

Késia Iris da Silva, 15 anos

O passeio

Aos sete anos;
Conheci a natureza;
Nas histórias da Branca de Neve e nos passeios com minha família.
Hoje, as árvores, os animais estão presentes na minha vida;
Nunca esqueci;
Aprendi a amar a natureza.

Thayla Kawanne Frazão, 14 anos

O brincar

Quando criança,
Os brinquedos
Já me faziam feliz
Hoje o desenho me completa.

Emily Beatriz Mendez, 15 anos

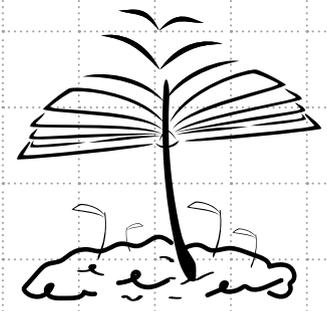
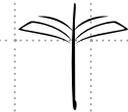
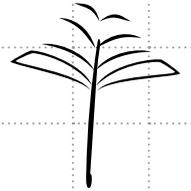
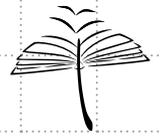
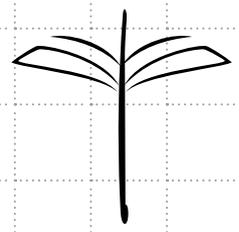
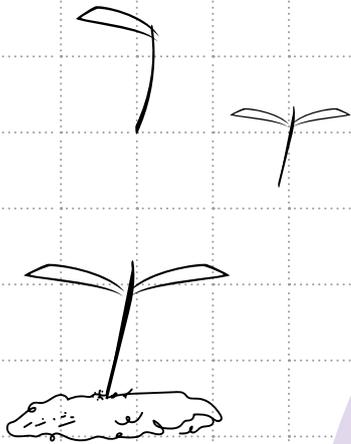


EMEBS MADRE LUCIE BRAY

Coordenadora dos Estudos Literários: **Margareth de Melo Alves**



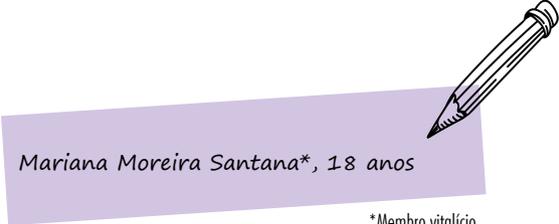
PENHA



Encontrou-me

Um vazio, medo, insegurança completa. Sons que não podia entender, vozes o tempo todo em todos os lugares, mas ninguém entendia o que sentia. Era um vazio que todas as noites se acumulava, todo mundo via, ouvia, mas não sentia. Era só eu aqui, eu não entendia, não enxergava, nem merecia tudo aquilo, cabeça vazia, pensamentos da madrugada que resultavam em olheiras de manhã, o vazio acumulativo, água no rosto que não parava de cair, pés gelados, mente presa, insegura, já não sabia para onde ir. Era tudo escuro aqui!

Mas você me tocou e as minhas mãos ficaram quentes. Eu olhei no seu rosto e a sua luz me consumiu, eu não estava mais só. O seu fogo incendiou meu coração e tudo se coloriu, tudo se fez novo. Eu ouvia muitas vozes, mas entendia a sua, em segredo me encontrou, me arrancou do mar da escuridão, da solidão e me colocou no seu coração, eu me reencontrei de novo, agora sei quem sou, sei o que é vida!



Mariana Moreira Santana, 18 anos*

*Membro vitalício



EMEF AMADEU AMARAL

AEL: **Ana Maria Machado**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Samanta Theodoro Papa**

Julgamento final

No mundo há muitas teorias do que acontece depois da morte, e João chegou à sua vez de descobrir esse mistério todo.

João abre os olhos e obviamente não sabe onde está ou o que está acontecendo.

Na frente dele está uma mulher sentada atrás de uma mesa, pelas roupas ela parece uma juíza. Educadamente ela pede para ele se sentar na outra cadeira.

João se senta e, muito confuso, pergunta:

– Onde estou? Quem é você?

A juíza responde rapidamente:

– Aqui é o julgamento final, só vou olhar sua ficha e mandá-lo pra Terra de novo, só que, dessa vez, em outra vida, que vai depender de como você agiu nessa sua vida passada.

João, só pra confirmar, pergunta:

– Então, eu morri e vou voltar pra Terra em outra vida, certo?

– Mas aqui não tem céu nem inferno?

A juíza, ainda procurando a ficha do João, responde:

– Vocês ainda acreditam nessa história?! Hahahaha

– Esse lugar já fechou, não cabe mais gente lá não, agora as coisas são mais rápidas, eu vejo sua ficha e você volta rapidinho para aquele lugar!

– OLHA, ACHEI SUA FICHA!

– Vamos ver, João, hmmm sua ficha não parece muito boa!

Ela falava tão rápido que João nem conseguia raciocinar tudo aquilo.

A juíza continua:

– João, então você assaltou um banco, dava golpes em idosos e, na pandemia de 2020, fez festas, espalhou covid e morreu disso, poxa vida, hein João, nem estou surpresa, já vi outros piores...

João, mais assustado que nunca, arregala os olhos, e fala:

– Não, não, não! Essa não é minha ficha, certeza! Eu nunca daria um golpe, eu que sempre caía neles!

João começa a chorar e a juíza logo responde:

– Pode parar com isso aí!

– Você acha mesmo que pode me enganar? Poupe-me, já passaram vários aqui iguais a você.

João não para de chorar e tenta falar:

– Eu era estudante, juro, arrumei um emprego numa construção e fui demitido por

EMEF BARÃO DE MAUÁ

AEL: **Eva Funari**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Regina Aparecida Fiuza**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Márcia Regina Olivo**



roubar a marmita do chefe, esse foi o único crime que eu cometi, e eu nem sabia que aquela comida era dele, eu só estava com fome e não tinha dinheiro para comer nada.

– Eu passei no vestibular e estava prestes a entrar na faculdade de Biologia! Mas um ônibus maldito acabou com meus sonhos e me atropelou!

A juíza começa a rir e fala:

– O seu chefe passou aqui esses dias, ele falou que ficou muito nervoso no dia que você roubou a marmita dele. Hahahaha

– Acho que sua ficha ficou junto com a dele, vou procurar novamente.

João seca as lágrimas, e a juíza acha a ficha certa.

– Está aqui sua ficha, me desculpe pelo engano!

– Agora só temos que definir sua próxima vida.

João pergunta:

– E eu posso saber como será ela?

A juíza responde:

– Isso é mais um dos mistérios que os seres humanos vão ficar na curiosidade!

Ficou curioso, né???



Raissa Macias Piva*, 15 anos

*Membro vitalício

Cores de um novo lugar

Três batidas bruscas na porta foram o suficiente para me tirar do sono e abrir os olhos, nem precisei abrir a porta, o bruto que batia nela já havia entrado.

Era alto, pernas compridas, roupas com cores de doer os olhos, na cabeça um chapéu velho alaranjado.

Logo depois de ficar parado por uns quinze segundos, ele saiu em direção à porta, muito curiosa fui atrás dele para saber o que estava acontecendo. Quando saí, não reconheci meu bairro, estava tudo escuro, sem cor, uma neblina tomava o céu e, daí em diante, percebi que nem devia ter saído de casa.

O homem alto seguia em frente, até que... caímos num buraco. Quando abri os olhos, vi muitas cores, cores que nem sabia que existiam. Quando olhei para o espaço observando-o mais detalhadamente, vi que o homem alto e colorido que eu seguia não estava mais lá. Fiquei um pouco desesperada ao lembrar que estava num lugar desconhecido e que agora estava totalmente sozinha.

Segui andando sem rumo, avistei diversas árvores frutíferas, naquele momento já estava morrendo de fome, e nem me importava mais com o que poderia vir adiante. As frutas eram de formatos estranhos e cores fortes, como tudo que vi depois que caí naquele buraco, mordi a fruta com a maior vontade, mas me decepcionei logo, quando vi a cor dela por dentro. A fruta que mordi estava cinza, totalmente sem cor, mas como eu já havia mordido, comi a fruta mesmo assim. Ela não tinha sabor e, por fora, a cor forte da casca trazia uma expectativa enorme, mas por dentro era um engano.

Depois de comer aquela fruta, fiquei tonta e vi coisas que provavelmente não eram reais como tudo naquele buraco, então fechei os olhos para ver se tudo aquilo passava e, quando abri meus olhos, já havia voltado para minha cama, e um Sol muito forte entrava pela minha janela. Então, talvez tudo tenha sido um sonho. Até que – TOC TOC TOC – ouvi três batidas bruscas na minha porta.

EMEF BARÃO DE MAUÁ

AEL: **Eva Funari**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Regina Aparecida Fiuza**
Coordenadora das Atividades de Teatro: **Márcia Regina Olivo**

Raissa Macias Piva, 15 anos*

*Membro vitalício



Três almas conectadas

Alice é doce, meiga e muito bondosa. Ela estuda numa escola onde tem o Guilherme, o menino que ela gosta, e a Melissa, a menina que podemos dizer ser sua rival. Guilherme é descolado e atencioso, Melissa é amiga dele e não é muito próxima de Alice. Melissa é metida e popular.

Alice ia para a escola e sempre admirava Guilherme. Melissa nunca dispensava a oportunidade de provocá-la.

– Tira esse olho gordo, ele é meu!

– Todo mundo sabe que vocês são só amigos, e ele deixa isso bem claro.

– Mas você nunca terá chance com ele. Ele nunca vai olhar pra você.

– Isso só ele sabe...

– É, mas eu tenho certeza! E ele nunca te deu bola, pelo contrário, nem sabe que você existe!

Alice ficou quieta e Melissa foi embora. Mas ela não falou a verdade. Guilherme sabia que ela existia, e mais, gostava dela, e vivia falando dela para Melissa, que não gostava nada disso.

Alice foi para casa e ficou no seu quarto com a Arco-íris, sua borboleta, a qual ela conta todos os acontecimentos do seu dia.

No dia seguinte, Guilherme chamou Alice para conversar:

– Oi! Então, eu te acho muito bonita e fico te observando já faz um tempo.

– Obrigada, mas você tem certeza disso? A Melissa falou que você nem ligava para mim.

– O quê? Ela deve ter falado isso porque não gosta muito de você.

– Não gosta muito? Ela me odeia com todas as forças!

– Ela sabe muito bem que eu gosto de você, vivo falando de você para ela.

– Gosta de mim?

– Sim, e eu acho que você sente o mesmo.

– Talvez...

– Você quer namorar comigo?

– Claro. - disse um pouco emocionada e eles deram um "selinho".

Melissa acabou vendo a cena e ficou inconformada.

Alice e Guilherme viviam juntos, de mãos dadas, abraçados e trocavam alguns "selinhos" de vez em quando.

EMEF BARÃO DE MAUÁ

AEL: **Eva Funari**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Regina Aparecida Fiuza**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Márcia Regina Olivo**



Passados alguns dias sem preocupações, Melissa resolveu ir falar com Alice.

– Se for para me encher é melhor ir embora. - Alice resmungou.

– Não, vim falar que quero uma trégua e que eu gostaria muito de ser sua amiga.

– Você está bem? Já sei, deve ser a irmã gêmea boa da Melissa. Tudo bem?! - foi sarcástica.

– Nada disso, sou muito amiga do Gui, e se ele é seu namorado agora, é melhor aprendermos a conviver. - as duas sorriram.

– Que lindo, estou vendo que fez o que te pedi. - disse Guilherme, aproximando-se e se direcionando para Melissa.

– Como assim? - perguntou Alice, enquanto Guilherme passava o braço pelo seu pescoço.

– Eu pedi para ela vir falar com você, vocês tinham que se acertar, inclusive eu sei uma coisa em comum das duas.

– O que é? - perguntou Melissa.

– As duas falam com animais.

– Você também? - perguntaram as duas juntas, uma para outra.

– É, eu tenho uma borboleta chamada Arco-íris.

– E eu tenho uma aranha chamada Tempestade.

– Por que é uma aranha? - Alice ficou curiosa.

– Aranhas são muito maneiras, e acho que você sabe por que gosto dessas coisas.

– É, seu estilo é bem diferente do meu.

– Gui, você sabe de outra coisa parecida de nós duas? - Melissa perguntou.

– O estilo musical, as duas amam pop.

– Que legal! - Alice afirma.

– Acho que não somos tão diferentes assim. - Melissa falou e elas sorriram.

– E se nós marcarmos de ir à casa de Alice? Aí você leva sua aranha. - Guilherme sugeriu.

– Ótima ideia. - Alice concordou e Melissa assentiu com a cabeça.

Eles se despediram e cada um foi para a sua casa. Alice e Melissa falaram para seus animais o que havia ocorrido.

No dia seguinte, os três se encontraram na casa de Alice e dali em diante Alice e Melissa se tornaram as melhores amigas.



Thamires de Sousa Azevedo, 20 anos*

*Membro vitalício

Três almas conectadas (2)

Uma pessoa com um bom coração
Vive num mundo cheio de fantasia
Que gosta de um colorido sem escuridão
E transmite ao mundo muita alegria

Uma pessoa invejosa e metida
Que vive ao lado de um animal asqueroso
Pode se tornar bem parecida
Com uma sonhadora sem o menor esforço

Uma pessoa com muita gentileza
Que conhece e gosta de alguém
É descolado e tem muita beleza
Fazendo parte do trio também

As três almas estão completamente conectadas
Duas garotas parecem diferentes, mas não são
Ele com a melhor amiga e a melhor das namoradas
E nos três juntos o que prevalece é a união

Thamires de Sousa Azevedo, 20 anos*

*Membro vitalício



EMEF BARÃO DE MAUÁ

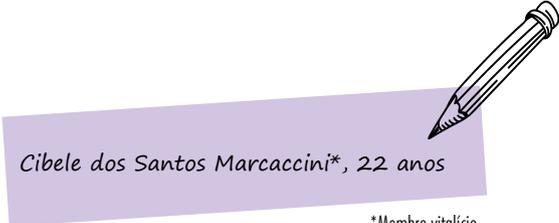
AEL: **Eva Funari**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Regina Aparecida Fiuza**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Márcia Regina Olivo**

Pra ti

Baila contigo, faz contigo aquilo que mais desejas de bom pros outros. Sorri exagerado, deixa-te levar pelo bom humor. Canta pra ti aquela canção bonita. Aquece-te como quem abraça quem ama. Expressa-te. Vê se choras para poder ver algo enfim. Vê se exageras em contentamento. Vê se extrapolas em tropeçar no que te arranca suspiros altos. Se não fizeste tudo isso, isso tudo está te esperando. Não esqueças de esperar por ti e de ter paciência. Vai e faz, e vê se não voltas. Continua. Grita de dor e alegria. Continua. Descobre. Continua indo para esse lugar lindo que a gente nem sabe qual é, mas só pela paisagem...



Cibele dos Santos Marcaccini, 22 anos*

*Membro vitalício



CEU EMEF ROSANGELA RODRIGUES VIEIRA

AEL: **Pedro Bandeira**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Andrea de Lizandra Conte Batista**

O mundo é de quem?

São tão bonitas as flores, assim como quem cantarola uma música de melodia tão terna. São lindas as árvores que nos abrigam do Sol sempre na medida certa para que também não percamos vitaminas necessárias. São fascinantes os astros que nos fazem escrever poesias no papel e no peito. São estupendas as luzes que nos tocam à noite ao caminhar nas ruas apagadas. São os complementos das nossas risadas e fôlego de vida em meio a tudo isso. O mundo ainda cuida da gente no detalhe... Como temos a aprender com aquele que continuará lindo e nos ensinando chover enfim na nossa grama.



Cibele dos Santos Marcaccini, 22 anos*

*Membro vitalício



CEU EMEF ROSANGELA RODRIGUES VIEIRA

AEL: **Pedro Bandeira**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Andrea de Lizandra Conte Batista**

Ainda estamos aqui

Às vezes, me pego pensando qual filme ou série eu nunca vou assistir no decorrer da minha vida inteira. Quando eu for embora, quantos livros vão ter me esperado, quantos amores eu nunca terei conhecido? Quantas cenas serão feitas nos palcos e telas? Quantas folhas serão escritas pós mim? Que música eu iria amar ouvir, mas já nem tem mais como? Quem nascera exatamente no mesmo instante em que parti? Quantos desses vão comigo e quantos ainda sobreviverão? Existirá tanta vida ainda mesmo que não pra mim. Assusta-me, mas também me consola saber que ainda assisto e ouço o que posso e quem se encontra nas cenas dos palcos sou eu. Que nasci exatamente no instante em que alguém se foi. A vida é tão amiga e nada egoísta. Ela se dá um pouquinho pra todo mundo e continua com ou sem a gente.



Cibele dos Santos Marcaccini, 22 anos*

*Membro vitalício



CEU EMEF ROSANGELA RODRIGUES VIEIRA

AEL: **Pedro Bandeira**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Andrea de Lizandra Conte Batista**

Free Fire

É o jogo que mais gosto
Ficar sem ele, eu não suporto.
Quando pego o celular,
Sem ter hora certa ou lugar
Sinto uma grande euforia.
O meu peito se estufa de alegria
Se estou triste...
Jogo Free Fire.
Se estou feliz...
Jogo Free Fire.
Se estou sério...
Jogo Free Fire.
Free Fire é a minha vida
É história do meu futuro mundo
Porque tenho o seguinte sonho
Vou me tornar um *pro player*
Com aventura bem definida
História de ação bem exibida
Para ser o mais reconhecido!



Hernani Carvalho Pinto Magalhães,
13 anos

EMEF VISCONDE DE CAIRU

AEL: **Maurício de Sousa**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Kátia Cavalcanti Beltrano Fico**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Marlei Valverde de Oliveira**



Nada melhor do que não fazer nada

Quando não se faz nada
Nada, nadinha mesmo
É como estar dormindo
Só que de olhos abertos
E a vida segue a esmo.
Quando estou fazendo nada
Sinto-me em um mundo diferente
Como se tudo fosse perfeito
Um seriado de presente!
Acho que fazer nada
É uma das melhores coisas que se faz
Deve ser porque combinamos
Ou algo assim do tamanho da paz.



Vitória Alves da Silva Vasconcelos,
13 anos



EMEF VISCONDE DE CAIRU

AEL: **Maurício de Sousa**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Kátia Cavalcanti Beltrano Fico**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Marlei Valverde de Oliveira**

Jogar bola

Quando eu joga no gol
 Eu me sinto passarinho
 Meus amigos falam que eu joga muito bem!
 A trave é a minha casa
 Meus braços são asas
 Minha família fala que eu joga muito bem!
 A bola é parte do meu coração
 Jogar é explodir de emoção
 Minha alma me diz que eu joga muito bem!
 Por isso, sou tão feliz!



Ícaro Bonfim Grego, 13 anos

Quando eu pego a bola

Quando eu pego a bola
 Eu me sinto o astro do Futebol
 Tipo Ronaldinho, Ronaldo ou o Neymar
 Quando eu pego a bola
 Eu penso que vou sair driblando todo mundo
 Aí, eu faço o gol e vou para a torcida
 comemorar
 A torcida vibra gritando:
 - Arthur! Arthur! Arthur!



Arthur Cunha Santana, 13 anos

EMEF VISCONDE DE CAIRU

AEL: **Maurício de Sousa**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Kátia Cavalcanti Beltrano Fico**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Marlei Valverde de Oliveira**



Filme de ação

Peter Parker, Tony Stark, Thor,
Simba, o leão
Voz presa
Olhos vidrados
Espirro interrompido
Oops...
Sentidos lacrados em microfilme
Filme de ação
Com certeza
Brinquedos deixados
De lado
Quando vejo filme de ação
Logo sei que é ficção
Mas ainda assim
Não seguro o que há em mim
Imagino-me
Um atorção cheio de emoção.



David Lucas Barros, 13 anos

EMEF VISCONDE DE CAIRU

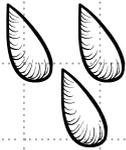
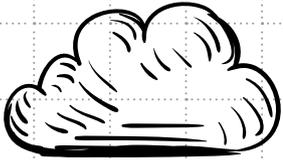
AEL: **Maurício de Sousa**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Kátia Cavalcanti Beltrano Fico**

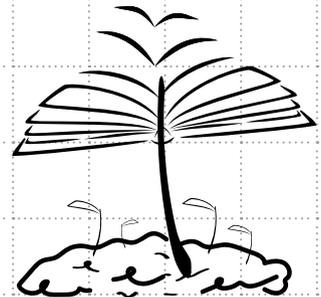
Coordenadora das Atividades de Teatro: **Marlei Valverde de Oliveira**



Freemix



PIRITUBA/
JARAGUÁ



Sonho da periferia

Vivo no Brasil, no estado de São Paulo, na periferia, e não me arrependo porque aqui é onde eu cresço, vivo e aprendo.

Na periferia tem coisas legais,
mas tem coisas que é melhor deixar pra trás.

A coisa ruim da periferia
é que você tem que rezar para voltar no outro dia.

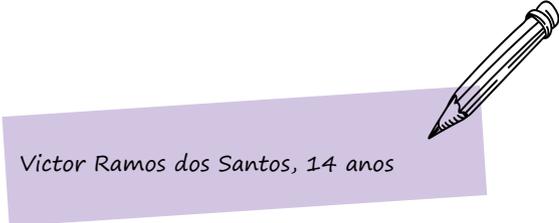
Na periferia, a educação é questionada,
é que alguns alunos quase não aprendem nada.

O sonho dos meninos é ser um jogador irado,
o das meninas um cara lindo e apaixonado.

Mas, às vezes, isso não acontece
e todos eles crescem,
e viram ricos, milionários
e ficam bem-casados.

Mas pra acontecer isso tudo,
você tem que lutar e derrubar os seus muros.

Por isso, eu digo: "a arma do brasileiro é a educação
e a sua bala é a dedicação".



Victor Ramos dos Santos, 14 anos

EMEF RUI BLOEM

AEL: **Carolina Maria de Jesus**

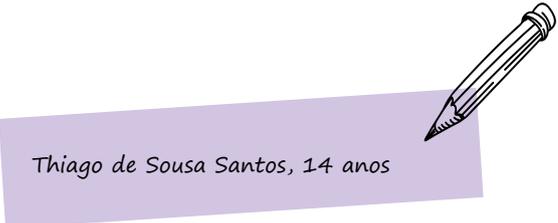
Coordenadoras dos Estudos Literários: **Camila Botelho e Rosemeire Gonzalez Piccoli Menolli**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Solange Maria de Biazi**



A periferia

A periferia é um lugar
onde poucos querem morar.
E quem sair não quer voltar.
Tem muita pobreza e lixo.
Não tem casa, tem abrigo.
Não é grande, é pequena.
E a fome é o lema.
Todos têm problemas.
A periferia é triste.
Mas muito amor existe.
Tem alegria e dor na periferia.



Thiago de Sousa Santos, 14 anos



EMEF RUI BLOEM

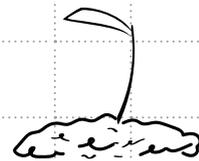
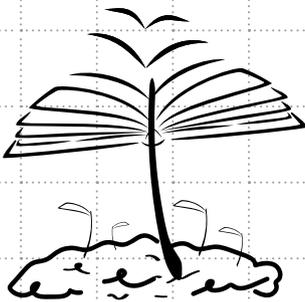
AEI: **Carolina Maria de Jesus**

Coordenadoras dos Estudos Literários: **Camila Botelho e Rosemeire Gonzalez Piccoli Menolli**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Solange Maria de Biazzi**



SAVITO
AMARO



Haverá esperança

Haverá esperança quando houver medo
e o medo medindo a medida dita o dito
pede e a medida incita e...

Haverá esperança!

Haverá esperança quando o drama
jura o juramento cobra, o ditado dura a
cobrança dobra?

Haverá esperança!

Haverá esperança quando a humanidade
humanizar o desumano, humanizando
a rivalidade?

Haverá esperança!



Vitor Abade Silva*, 16 anos

*Membro vitalício



EMEF ARMANDO DE ARRUDA PEREIRA

AEL: **Lygia Bojunga**

Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Deise Miki Kikuchi**

Meu bairro é minha proteção

O Sol brilhando e iluminando as casas. O galo da dona Jô já estava cantando e o cheirinho de pão fresco saindo do forno, no ar. Os vizinhos saindo das casas para ir à padaria e falando BOM DIA para quem passava perto deles.

Depois os comércios já abriam as portas, as janelas se agitando e os tapetes saindo e sacudindo a poeira que o vento levava para longe. Em uns minutinhos, a garotada correndo para brincar. O menino mais popular saindo para chamar os outros para jogar futebol na praça.

Era um futebol bem estranho, pois era bem simples. Chinelos com pregos na sola fazendo a trave e a bola era apenas uma bolinha de papel. A separação do time começava com time 1: Paulo, John, Carlinhos; e time 2: Luís, Pedro, Caio.

As tampas de panela batiam e bola a bola ia até que... as mães chamavam para almoçar e a garotada estava feliz sabendo que tinha brincado a manhã toda...

O cheiro da comida ia se espalhando pelo ar, fazendo com que todos se despedissem e fossem para suas casas. As mães ficavam em choque com as roupas sujas de tanto brincar...

Depois do almoço, vinham as coisas mais "chatas" do dia: a hora de estudar, de tomar banho e, por fim, de descansar de um dia cansativo.

No dia seguinte, era a briga da preguiça de levantar, a hora de ir pra escola sem se atrasar. No final, a vencedora era a ida demorada à escola admirando o caminho até chegar lá... E todo BLÁ-BLÁ-BLÁ que sempre há.

Era um bairro bom, cheio de histórias, de mocinhos e de vilões, de chinelos-traves, de entraves e de muita diversão...

Jonathas de Sena Martins, 18 anos

*Membro vitalício

EMEF ANTENOR NASCENTES

AEL: **Helôisa Pires Lima**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Laura Aparecida Guimarães Corrêa**

Coordenador das Atividades de Teatro: **Luís Claudio Terra Amaral**



Ao imaginar

Ao imaginar cada gota de chuva
e cada carro sendo molhado na curva

Ao imaginar cada segundo
formando um minuto

Ao imaginar cada sorriso de uma pessoa
e cada cristal de açúcar numa broa
penso em você e eu, é uma boa

A saudade é uma coisa tão grande,
mas o pensamento também é bem gigante
e imagino cada gota que cai
por um motivo que não sei



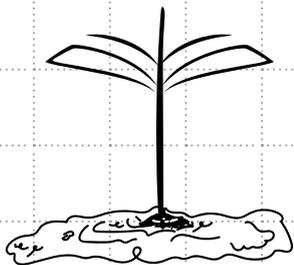
Zeina Yamassaki Guedes, 10 anos



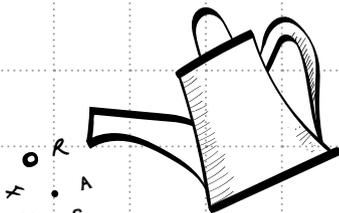
EMEF ARMANDO DE ARRUDA PEREIRA

AEL: **Lygia Bojunga**

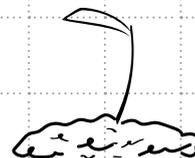
Coordenadora dos Estudos Literários e de Teatro: **Deise Miki Kikuchi**



SÃO
MATEUS



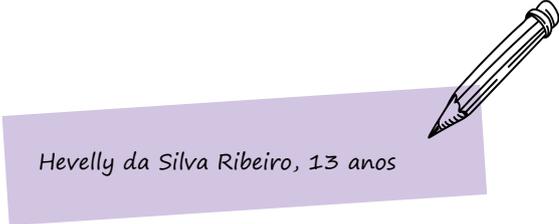
R
A
S
C.



Em tempos de pandemia

Hoje em dia, em tempos de pandemia
 Ficamos presos aqui
 Sem poder sair
 Em casa temos que ficar
 Pra esse vírus não espalhar
 Muitas pessoas não botam a mão na
 consciência
 E saem espalhando essa doença
 Muitos mortos e internados
 E todos nós agoniados
 Temos que nos prevenir
 Usar máscaras e passar
 álcool em gel para sair
 Muitos perguntando até quando?
 Mas aí lembramos que Deus
 Está no comando
 Nós temos que lutar

Para esse vírus acabar
 Tudo isso vai passar
 Só temos que acreditar
 Em tempos de pandemia
 não podemos dar bofeira
 Pois esse vírus não está de brincadeira
 Não consigo acreditar
 As pessoas não podem nem trabalhar
 Muita gente com fome e com frio
 E agora, Brasil?



Hevelly da Silva Ribeiro, 13 anos



EMEF JÚLIO DE GRAMMONT

AEL: **Maurício de Souza**

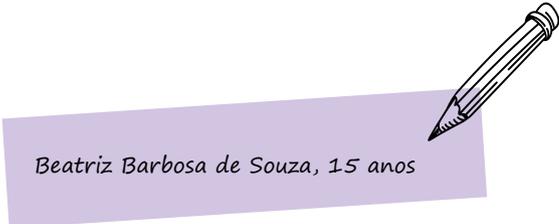
Coordenadora dos Estudos Literários: **Andreia Santana**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Sandra de Melo**

Minha vida depois da AEL

Eu queria um amigo
 Mas preferia mais um abrigo
 Ter alguém para compartilhar e dialogar
 Quando era pequenina esse era o meu lema
 Brincar e me fechar
 Para a vida não transbordar
 Eu sou aquela pessoa muita envergonhada,
 Vou te contar o meu drama.
 Perdi meus pais quando tinha 5 anos
 Não me pergunte como eles morreram
 Porque as lembranças desapareceram
 Minha vida desde então não tem sido mais a mesma.
 Na escola descobri o projeto AEL,
 Este projeto é legal como mel
 Pois você aprende várias coisas importantes,

Como fazer poemas e conhecer vários escritores
 Vi que ali era o meu lugar, um projeto bom e real
 Aprendi o que era amar e respeitar
 Agradeço a AEL por ter me capacitado
 E inspirado
 a ser uma escritora de poemas e poesias.



Beatriz Barbosa de Souza, 15 anos

EMEF JÚLIO DE GRAMMONT

AEL: **Maurício de Souza**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Andreia Santana**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Sandra de Melo**



O mundo está doente

O mundo está calado
 O mundo está amaldiçoado
 Cadê os políticos? Defensores de animais?
 As onças estão correndo de um lado para o outro
 Os macacos estão desesperados pulando de galho em galho
 Crocodilos indo para o fundo do mar para se acalmar
 As cobras estão indo para as ruas
 Leopardos estão encarcerados pelo calor
 Fogo, fogo
 Morte, morte
 Todos estão sendo mortos
 Ajudem-nos.
 Vamos salvar o pantanal
 Florestas em chamas
 E nós aqui deitados na cama
 Ignorando os fatos ocorridos
 Eles estão indefesos,
 Sabemos do perigo que estão correndo

Ajudem-nos
 Ajude o macaco, o leopardo.
 A onça e o tigre
 Ajude os seres humanos também
 Os indígenas estão perdendo suas moradas
 As aves estão chorando por seu habitat ter sido queimado
 E nós? Não estamos ajudando em nada
 Enquanto o pantanal está em chamas
 O político na TV se finge de cego, surdo e mudo
 Enquanto os animais queimam vivos e
 choram pedindo socorro
 Os deputados estão jogando baralho,
 bebendo whisky do mais caro
 Enquanto existir hipocrisia
 O mundo continuará sendo desigual

Yasmin Alves dos Santos, 15 anos



EMEF JÚLIO DE GRAMMONT

AEL: **Maurício de Souza**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Andreia Santana**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Sandra de Melo**

Minha cor marron

Querida América
Por que não posso viver sem medo?
Sem o famoso preconceito?

Qual é o problema da minha cor?
Não é clara o suficiente para eu ser atriz?
Não é clara o suficiente para eu ser rica?

Tenho que ser perseguida?
Tachada de bandida?

Deixe-me ser livre!
Porque eu não sou do crime
Eu nasci assim!
Uma cidadã livre!



Ana Carolina Santos da Silva, 14 anos

CEU EMEF PROFA. CÂNDIDA DORA PINO PRETINI

AEL: **Dinha - Maria Nilda de Carvalho Mota**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Michelle dos Santos Lomba**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Suelen Pereira de Lima Anzolin**



Black Lives Matter

13 de maio de 2013 foi quando começou
repercussão teve somente quando um negro,
um, preto, morreu, ele implorou,
pediu "so-cor-ro", mas o policial não ligou

Foi enforcado porque passou uma nota falsa de vinte,
enquanto estava descuidado
O que mais será que aconteceu??
Que outros casos estão escondidos, largados,
privados, trancados
não podem ser levados a público porque senão
vai virar babado
vai acabar com a reputação de tal advogado, coitado

Coitado nada, coitado do próximo preto que gritar
"so-cor-ro"
enquanto é enforcado, morto ou espancado
Coitado, Coitados daqueles que tiveram que marchar

marchar para conseguir o direito de votar
tiveram que lutar pra poder andar de ônibus
em uma escola entrar pra aprender o básico
pra pelo menos conseguir ler e assinar um contrato

tiveram que lutar pra poder entrar nos lugares
não é como se isso tivesse acabado

agora a gente entra no supermercado
ainda é barrado

se não tomar muito cuidado, espancado.

Pessoas negras, Eu amo vocês.
Eu os amo. Eu me amo.
Nossas vidas importam.
Vidas negras importam

Repercussão do movimento #blacklivesmatter

Agora eu me pergunto, o que mais vamos ter que
passar pra isso realmente acabar?
Quando vamos ser livres?

Ah gente, me poupe,
em pleno século 21 ter que defender o óbvio?

Vidas negras importam!



Ana Carolina Santos da Silva, 14 anos

CEU EMEF PROFA. CÂNDIDA DORA PINO PRETINI

AEL: **Dinha - Maria Nilda de Carvalho Mota**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Michelle dos Santos Lomba**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Suelen Pereira de Lima Anzolin**



Geração mimimi

Queria trazer aqui pra vocês esperança
Juntamente com alegria
Eu tentei!!
Pesquisei, procurei
Se achei?? Não!

Será que o país ainda tem salvação?
Pois bem, eu acho que não
Aqui eu não falo só da pandemia
Eu falo da hipocrisia

E de quem eu estou falando?
Eu estou falando da população
Muitos acham que é só reclamar sentar e
esperar... ha.ha.ha.
Estou até rindo para não chorar

Na internet quer reclamar
mas quando é realmente para ajudar
se cala
Cala.

Até teve uma nova geração que começou a falar
A se manifestar
O que ganhou em troca?
Foi julgada
Chamada geração mimimi

Geração mimimi?
Lembro para que serve o feminismo
Falo sobre racismo
Homofobia
Gordofobia

E todas as outras questões sociais
Que todo dia matam alguém
E o que a sua geração "x" fez?

Nada!

E a única coisa que eles falam
"Aaah mas agora eu não posso falar nada"
Não!! Não pode
Suas piadas machucam
Sua "opinião" causa mortes

Então aprenda a ficar calado
Geração mimimi vai se rebelar
E você se não quiser ajudar
Vai ter que se calar.



Ana Carolina Santos da Silva, 14 anos

CEU EMEF PROFA. CÂNDIDA DORA PINO PRETINI

AEL: **Dinha - Maria Nilda de Carvalho Mota**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Michelle dos Santos Lomba**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Suelen Pereira de Lima Anzolin**



#fica a dica

A dor passa
mas o amor não passa
só faz doer ainda mais

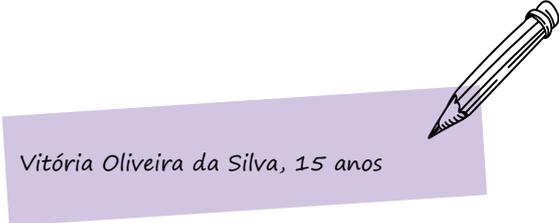
As pessoas sofrem por amor!
As pessoas sofrem pelo amor!

Há aquelas que machucam sentimentos
covardia!
chegam na pessoa falam verdades
se gostam dela realmente
pura falsidade

não minta
a mentira dói mais do que a verdade
se pode fazer a pessoa feliz
não fica aí fazendo ela chorar
só se machucar

Dá alegrias para tal pessoa
não só tristezas
Ela, eu, você
precisando de amor
tem gente por aí
querendo dar só dor

E a tal felicidade, chegou?



Vitória Oliveira da Silva, 15 anos

CEU EMEF PROFA. CÂNDIDA DORA PINO PRETINI

AEL: **Dinha - Maria Nilda de Carvalho Mota**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Michelle dos Santos Lomba**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Suelen Pereira de Lima Anzolin**



Educação é direito!

Como vocês lutaram, estamos lutando agora
 Lutando por nós e por aqueles que virão depois de nós
 O mundo está um caos
 A educação é uma arma que mantém jovens lúcidos
 Mas é triste ver que essa arma, agora que nós precisamos,
 está distante de muitos de nós

A educação está ligada com a saúde mental
 essas duas coisas estão tão difíceis pra nós
 É um choque esse mundo que vivemos
 O passado refletindo no presente

Temos consciência de que não somos só nós que estamos assim
 nesse momento, estamos todos nesse estado, nesse país, nessa nação
 Mas muitos de nós que ainda não despertaram pro que tá acontecendo
 estão fugindo desses problemas nos vícios

Hoje, posso me representar
 ou representar aqueles que chamo de colegas, amigos, companheiros de escola
 Digo a vocês, o que vocês nos dizem desde pequenos
 "Somos o futuro da nação"
 Então o que vocês estão fazendo para apoiar os jovens no que precisamos?

Sabemos que essa luta não é só nossa



CEU EMEF PROF^a CÂNDIDA DORA PINO PRETINI

AEL: **Dinha - Maria Nilda de Carvalho Mota**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Michelle dos Santos Lomba**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Suelen Pereira de Lima Anzolin**

Vocês lutam todos os dias por nós, no trabalho, se arriscando
mas precisamos de todo o apoio
Muitos estão sem dinheiro pra comprar um celular
tablet, ter internet
Tem jovens morando em casa de madeira. Sabiam?

Estamos aqui hoje lutando por nossos amigos que não podem estar aqui
Precisamos de auxílio, tecnologia para que todos possam estar aqui.
Aqui, nessa sala de aula virtual
Todos juntos, lutando por nossos direitos

Juntos, como disse Esopo, o escritor grego, "a união faz a força"
Pensem na alegria das crianças em ter o seu tablet
O jovem feliz por poder estar junto com seus colegas lutando por seus direitos
Direito conquistado no dia 13 de julho de 1990
Lei nº 8.069 do Estatuto da Criança e do Adolescente, o tão importante ECA

Veja e reveja
O que vocês querem para os chamados de futuro da nação?
A educação é necessária pra todos
Classe baixa, alta, média
A educação é direito de todos.



Richard Amarante Silva, 13 anos

Tenho orgulho

A pandemia mostrou todo o egoísmo
 Esqueceram dos professores e de nós, estudantes
 Jogaram tudo sobre a escola
 Tudo em cima dos professores
 Esqueceram que muitos professores e estudantes
 não têm tablet, notebook, muito acesso à internet
 3G não suporta
 periferia não suporta
 estudantes não suportam
 Sabem das nossas dificuldades, mas não
 fazem nenhuma melhoria

Enquanto o branco tá se divertindo
 As pessoas negras estão morrendo
 Enquanto o branco tá lá em cima
 o povo negro está lá embaixo morrendo pela sua cor

Todos nós sabemos que racismo é crime
 mas os policiais ficam de mãos cruzadas sem fazer nada

O racismo tem que acabar
 A exclusão digital tem que acabar
 Estudantes têm que ter acesso à internet
 com possibilidades de entrar
 na live, estudar

Tenho orgulho da minha escola
 Tenho orgulho dos meus professores heróis
 Tenho orgulho das minhas professoras heroínas
 que em tempos de pandemia
 aprendem sozinhas como nos ensinar.

Gabriella Silva Lopes, 13 anos



CEU EMEF PROFA. CÂNDIDA DORA PINO PRETINI

AEL: **Dinha - Maria Nilda de Carvalho Mota**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Michelle dos Santos Lomba**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Suelen Pereira de Lima Anzolin**

Sentido horizonte

Acreditar não é errado
é singelo & puro
é estranho, é admirável.

é sensível
é intenso.

Medo não há
Felicidade onde esteve?
Paz onde vive?
é como um fim de tarde
um banho de chuva

Uma luz, transferindo o amor
Mas com o auxílio de uma dor
Do sorriso daquela criança.
Que hoje se faz lembrança.

O céu deve ser amarelo, exatamente
Como a lua, que ilumina essa noite
Faça morada, na nossa jangada.

O princípio de um abismo.

Se fortaleça, e se mostre.
A flor era aquela luz.
E nada se move
Parece um girassol, brilha
Como a luz do Sol.
E chora como o céu azul.



Nicole Maria dos Santos Alves Ayala,
17 anos*

*Membro vitalício



CEU EMEF PROFA. CÂNDIDA DORA PINO PRETINI

AEL: **Dinha - Maria Nilda de Carvalho Mota**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Michelle dos Santos Lomba**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Suelen Pereira de Lima Anzolin**

Sintonia em liberdade

Foi o melhor vínculo
A melhor sintonia
Mesmo com todas as circunstâncias
Ser grato ou se sentir aliviado?

Em algum momento
Iremos nos lembrar
Do quão incrível era
Mas iremos agradecer

Ao destino, por ter decidido
Que o melhor seria viver
Apenas viver, para que um dia
Ele nos faça reconhecer.

A melhor sintonia vivida
Dias, horas & sonhos
Desejos, considerações
Conquistas de algum dia.

Sinto na pele sua falta
É uma expressão de saudade
vagando num mar incerto.

Parecem negros de longe...
Parecem azuis de perto...

Mas como os horizontes, se tornam
neblinas.
Devemos viver como se não houvesse
amanhã
mesmo com seus limites, nossas falhas

Apenas viver para o bem
Sem tentar frustrar alguém

Obrigada por cada momento
mas eu escolhi viver.



Nicole Maria dos Santos Alves Ayala,
17 anos*

*Membro vitalício

CEU EMEF PROFA. CÂNDIDA DORA PINO PRETINI

AEL: **Dinha - Maria Nilda de Carvalho Mota**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Michelle dos Santos Lomba**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Suelen Pereira de Lima Anzolin**



Vivências

Sentir calor
 Transparece a liberdade
 Que habita em cada corpo.

Viver para estar.

São momentos
 Únicos de um amor
 Amor vivido
 Por alguém.

Mas conhecido
 Por ninguém
 Que se entregue
 À felicidade.

A vida tem dias e dias
 E algo de momento
 Um dia se encontra bem
 E no outro pode estar mal
 Ou sofrendo com borboletas
 No estômago...



*Nicole Maria dos Santos Alves Ayala**,
 17 anos

*Membro vitalício



CEU EMEF PROFA. CÂNDIDA DORA PINO PRETINI

AEL: **Dinha - Maria Nilda de Carvalho Mota**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Michelle dos Santos Lomba**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Suelen Pereira de Lima Anzolin**

Para um novo dia

Deitar-se, sonhar e acordar
Um pesadelo que parece nunca acabar
É a realidade que todos temos que enfrentar
Ninguém pode parar porque não basta apenas reclamar

Dizer, saber e fazer
Enxergar o que não se pode ver
Ser feliz sem antes sofrer
Como isso pode acontecer?

Aguardar, acalmar-se e procrastinar
Quanto tempo temos que esperar?
Quando o amanhã vai chegar?
Quando o agora pode durar?

Tentar, aguentar e suportar
Até quando eu vou poder sonhar?
Pensar de novo e do zero recomeçar
Mas por que é tão difícil acertar?

Sentir, refletir e sorrir
Fingir, sempre esconder, mentir
Até o mais alto, mais longe subir
Não olhar para trás, pra baixo, não se pode cair

Correr, se mexer e se mover
É mais fácil procurar ou se esconder?
Consertar o errado ou só inverter?
Reciclar o velho ou se desfazer?

Continuar, sem parar, sem voltar
Em busca do que não se pode achar
Se descobrir ou se encontrar
Depois que cair tem que se levantar

Se reerguer, sem temer e viver
Não se deixar esmaecer
Brilhar até depois do anoitecer
Para um novo dia com o Sol amanhecer.



César Henrique Silva de Sousa,
15 anos*

*Membro vitalício



CEU EMEF PROFA. CÂNDIDA DORA PINO PRETINI

AEL: **Dinha - Maria Nilda de Carvalho Mota**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Michelle dos Santos Lomba**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Suelen Pereira de Lima Anzolin**

O grito que vem de dentro

Resolvi fazer poesias,
tirar o que há dentro de mim
e transformar em melodias.
A sociedade grita,
ao mesmo tempo não ouve.
A sociedade mostra,
mas ao mesmo tempo não quer enxergar.
A hipocrisia se tornou mais forte do que o amor.
Idolatraram a mentira
e não dão valor à verdade.
Empatia não faz mais parte da sociedade!



Julia Beatriz Lima*, 17 anos

*Membro vitalício



EMEF PROF. GIUSEPPE TAVOLARO

AEL: **Rubem Alves**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Rosângela Aparecida Paschoal Brighenti Dayyoub**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Ana Cristina Ferreira Albano**

Sociedade doente

Vivemos em uma sociedade doente
Essa doença toda é frequente
Racismo não é recente
É algo muito velho

Mas que infelizmente
Ainda aconteceu na nossa frente
Precisamos estar cientes
Para fazer diferente.

Para que isso não se torne permanente

Temos que lutar pela nova geração
Irmão, cor de pele não é sua única definição
E, heii, não importa se você tem alguma limitação
Sabe que você já está além do padrão
Você já é sinônimo de campeão
Somos diferentes
Somos especiais, não normais
Mas a batida de cada coração
Ainda está pedindo por compreensão

Daqueles que não deixaram o passado de lado
E dizem que amar é pecado
E tudo que não é do seu jeito é errado
Porque ser sonhador é coisa de fracassado

O novo precisa estar posicionado
O velho já está ultrapassado
E eu já estou cansado

O futuro está correndo em nossa direção
Mas tem gente que só quer dizer "não"
Precisamos prestar atenção
Colocar os pés no chão!

Acreditar e fazer a diferença
Juntando cada emoção
Jovem tem que ter participação
Sem ele não tem continuação

Não vem com esse papo de conscientização



CEU EMEF PROFª CÂNDIDA DORA PINO PRETINI

AEL: **Dinha - Maria Nilda de Carvalho Mota**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Michelle dos Santos Lomba**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Suelen Pereira de Lima Anzolin**

Se sua versão não tem um pingo de razão
Eu sei pensar, agir e fazer uma boa ação
Mesmo sem sua permissão

Eu posso ser bom de verdade
tirar minha própria conclusão
Recebendo até uma punição

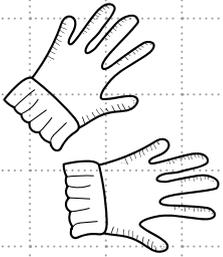
Por ter mais empatia e compaixão
Do que você quando julga
E dá graças quando morre alguém que não é da sua religião
Eu não mato, nem sou ladrão
O que há de errado em ser eu mesmo então?

Mas eu sou apenas uma mera fração
Dessa gigantesca multidão que luta diariamente
Pelo respeito, pelo amor, pela inclusão.

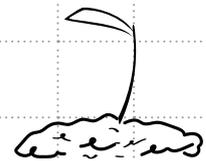
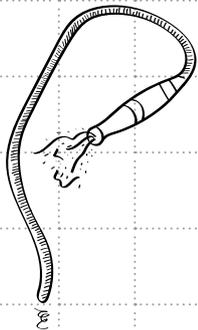


César Henrique Silva de Sousa,
15 anos*

*Membro vitalício



SÃO
MIGUEL



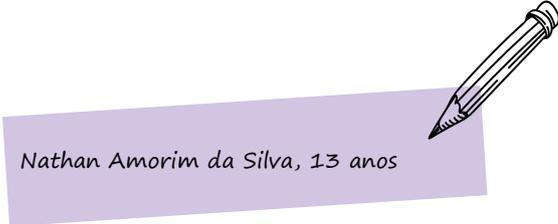
Flores negras

Em meu jardim existem várias flores
Sempre reluzentes e alegres.
De tão bonitas, veem-se sua ingenuidade
Algo que as deixam viver
Sem qualquer melancolia ou preocupações.

Passou-se um ano que eu as tenho
Elas começaram a morrer...
Coisa que de início não se pensa,
Igual a gente quando é criança.

Ficamos longe do futuro
Tentando viver o presente e repudiando o passado,
Só depois percebemos
Que é impossível manter-se longe.
É algo inevitável!

Continuamos a viver com isso na mente.
E um pouco mais velhos,
Chegamos ao nosso futuro fim em comum.



Nathan Amorim da Silva, 13 anos

EMEF GEN. NEWTON REIS

AEL: **Cecília Meireles**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Lucicleide Virgínio Freire Lima**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Miriam Satomi Irei Neiva**



Marginalizado

Mulher, preta, pobre
E ainda por cima
Moradora de periferia!

Injustiçada, mal-amada
E ainda por cima
Desempregada.

Todos riem dela por morar numa favela
Mas ainda continua
Forte e guerreira
Que acorda cinco da manhã todos os dias
Para dar de comer para as suas crias.

E quando ela passa pelas avenidas
Buscando um trocado ou uma comida
Os incomodados já vão dizendo:
– Lá vem a preta sem futuro na vida
Pedir esmola aqui na esquina!

E mesmo com todos os desafios da vida
De cabeça erguida
Ela enfrenta Deus e o mundo
Para o bem de sua família.

Mulher, preta, pobre
E ainda por cima
Moradora de periferia!

Cadê os políticos
Que prometeram
Uma vida digna
E que todo ano de eleição
Vão às comunidades
Atrás de uma atenção
Tentando convencer o povo
Com uma comissão?
No final das contas
Era apenas uma ilusão.

Mulher, preta, pobre
E ainda por cima
Moradora de periferia!

Que agora está chorando
Do lado do caixão
De seu filho
Que foi fuzilado
Porque foi confundido
Com um ladrão fugitivo

EMEF GEN. NEWTON REIS

AEL: **Cecília Meireles**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Lucicleide Virgínio Freire Lima**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Miriam Satomi Irei Neiva**



Apesar de estar com sua bolsa e uniforme
 E ter gritado:
 – PARE, PARE!! EU SÓ ESTOU INDO À ESCOLA...
 Essas foram suas últimas palavras
 Ainda com vida.

Coitada da mulher, preta, pobre
 E ainda por cima
 Moradora de periferia!

Que agora está sozinha
 Vagando pelas ruas
 Atrás de uma motivação para sua vida.

Mulher, preta, pobre
 E ainda por cima
 Moradora de periferia!

Que está emocionada
 Ao ver toda uma geração
 Reunida em uma manifestação
 À procura de justiça
 A mais uma vítima
 De uma bala "perdida".

Todos gritam nas ruas
 Em uma só voz:
 – JUSTIÇA, LIBERDADE E IGUALDADE!!

*(A todos aqueles que são
 reprimidos pelo sistema).*



*Letícia Pires Ribeiro, 15 anos
 Raissa dos Santos Campos, 16 anos*

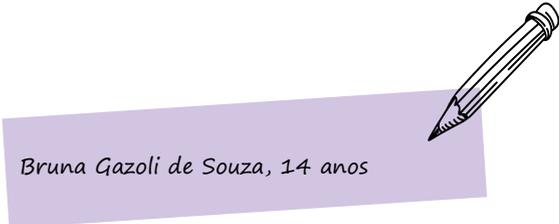
Mulher, ame-se!

Responda-me:

Quantas vezes você deixou de usar
Um vestido ou um short,
Com medo do que as pessoas iriam dizer?
Muitas vezes, não é?
Eu sei. Mas vai se importar mesmo
Com o que a sociedade diz?
Se for, você está ferrada!

Se você é gorda ou magra,
Alta ou baixinha,
Branca ou negra...
Saiba que você é perfeita!
É linda... maravilhosa!
Cada marca, cada estria, cada cicatriz
Mostra que você é forte, é livre.
Tenha orgulho de suas marcas
Que mostram o quanto é guerreira!

Eu sei que hoje em dia,
Muitas mulheres têm baixa autoestima,
Ou até mesmo vergonha do seu corpo.
Mas não se desespere!
Trata-se de um processo.
Não é porque eu falei
Que vai começar a se amar do dia pra noite,
Porém não se esqueça:
Quem tem que fazer acontecer é VOCÊ.
É difícil...
Mas sei que consegue.



Bruna Gazoli de Souza, 14 anos

EMEF GEN. NEWTON REIS

AEL: **Cecília Meireles**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Lucicleide Virgínio Freire Lima**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Miriam Satomi Irei Neiva**



O recomeço

O mundo caótico nos reprime em meio à solidão,
 Perdas de pessoas, de momentos,
 Inúmeras lembranças.
 Mas todos os dias,
 São dias de recomeço.
 A pergunta que não quer calar:
 "Como recomeçar, mesmo sendo afogado pela lama?"
 O mundo está doente!
 As pessoas estão cada vez mais frias, sem empatia.
 Recomece!
 Levante!
 Suba o primeiro degrau, sem pressa.
 E nele crie esperanças de chegar ao topo.
 Suba o segundo, eu sei que ainda não passou a ventania.
 Suba o terceiro, você já está cansada.
 Suba o quarto degrau, sua aparência é de enfermo?
 Precisa de ajuda?
 Não pode cair!
 Mas a ventania está muito forte para subir.
 O que fazer?
 Descanse!
 Acalme-se!
 É só uma tempestade.

Talvez dure dois... ou cinco dias..., mas passará.
 Assim que a ventania passar,
 Forte você estará.
 Irá ajudar a erguer,
 Quem antes caiu.
 A ajuda terá consequências no futuro.
 E assim que uma nova tempestade chegar,
 Todos estarão no alto e mais experientes,
 Sabendo como lidar,
 Para um novo ciclo começar.
 Recomece!



Karolyni dos Reis Guimarães, 13 anos

EMEF GEN. NEWTON REIS

AEL: **Cecília Meireles**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Lucicleide Virgínio Freire Lima**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Miriam Satomi Irei Neiva**



Viver

Vislumbre, procure e desfrute,
Do agora, do hoje, do presente.
Ou mergulhe, afunde e naufrague
Em águas turbulentas e misteriosas.

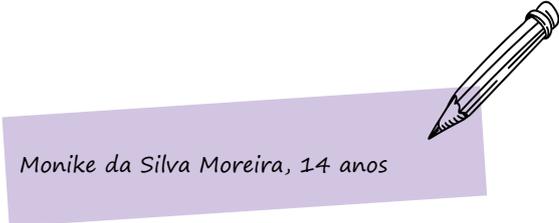
Debata,
Desabafe,
Desague.
Em abraços intensos e calorosos,
Momentos incríveis e simplórios.

Dançar,
Desenrolar,
Desatinar...
Em cabelos encaracolados de uma ninfa de olhos cintilantes.

Luxúria,
Murmúria,
Loucura,
Procrastinar os seus desejos em um caminho sem receio.

Errado,
Culpado,
Pecado!
Obstruindo seus segredos de um antigo medo.

Revelar-se,
Seduzir-se,
Destruir-se,
Por inteiro.
Magia!
Aprender a ler seu corpo...
Poesia,
Enquanto caminhar por este tapete nada
vermelho chamado vida.



Monike da Silva Moreira, 14 anos

EMEF GEN. NEWTON REIS

AEL: **Cecília Meireles**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Lucicleide Virgínio Freire Lima**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Miriam Satomi Irei Neiva**



Até quando...

E eu que pensava que em 2020 existiria carro voador,
O ano mal começou e a luz da casa branca se apagou,
Por causa daquela cena:
– Eu não consigo respirar!
Última frase dita, por mais uma vítima do sistema.

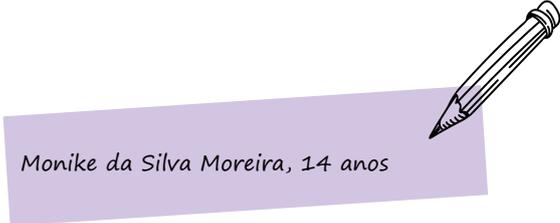
Quando tudo isso vai terminar?
Quando todos vão parar e olhar em volta?
Perceber que toda essa revolta
É a busca de uma melhora, de uma reforma
Para um mundo sem preconceito?

Onde policiais não abusem do poder e culpem o preto,
Onde não aconteça mais chacina nos guetos,
Onde mulheres possam andar na rua sem medo.

Não queremos superioridade!
Lutamos pela igualdade!
E é por isso que temos que ir pras ruas, lutar pela liberdade!
Liberdade que é minha e sua.
Segue minha linha de raciocínio,

Você não precisa ser negro pra lutar contra o racismo.
Pai, se sua filha fosse vítima do feminicídio?
Você não precisa ser mulher pra lutar contra o machismo.

Se todos nós exigíssemos mudança,
Quantas mortes a gente evitaria?
Afinal, somos todos seres humanos
Em busca da justiça.



Monike da Silva Moreira, 14 anos

EMEF GEN. NEWTON REIS

AEL: **Cecília Meireles**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Lucicleide Virgínio Freire Lima**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Miriam Satomi Irei Neiva**



Amor ausente

Dia difícil,
Noite de insônia,
Casaco cinza,
Cigarro na boca

Pedir um café seria ironia,
Se te vir ali já não tivesse alterado minha adrenalina,
Como carroséis girando na velocidade de borboletas
no estômago,
Envoltas de uma boa dose de dopamina e
feniletilamina

Será que posso me sentar ao teu lado?
Sei que já se passou muito tempo,
Mas tu nunca foste um mistério fácil de ser
desvendado.

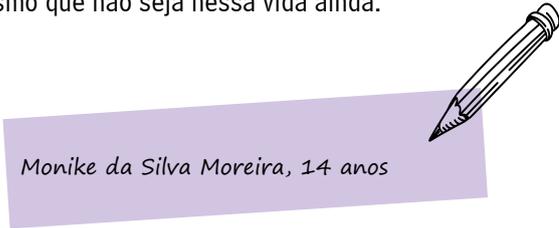
Sempre tão confusa...
Atraente incógnita.
Sei que já está tarde,
Mas não quero uma conversa mórbida.

Tua frieza me seria imperceptível,
Se já não te conhecesse como a palma de minha mão,
Então talvez pareça loucura...
Eu ainda sentir uma conexão.

Cada detalhe, linhas, tons...
Uma paleta de cores controlada por ritmos e sons.
A morte em asas ligeiras,
Sendo entregue a uma gota reluzente de felicidade
passageira.

Tu nasceste das sombras que criei,
Mas insistes em desaparecer ao meu toque,
Terás sempre meu coração e nunca minha presença.
Talvez eu te ame demais para te ver sumir.

Então, está tudo bem se isso não for para sempre,
Até porque se trata de um amor não correspondido
Então posso te esperar até que sejas minha,
Mesmo que não seja nessa vida ainda.



Monike da Silva Moreira, 14 anos

EMEF GEN. NEWTON REIS

AEL: **Cecília Meireles**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Lucicleide Virgínio Freire Lima**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Miriam Satomi Irei Neiva**



Respeite-me

Mesmo com toda essa evolução,
E com essas quebras de padrão,
Pego-me questionando...
Quantas mulheres ainda sofrerão?

Por ser mulher,
Tenho que saber me defender,
Para não ser agredida ou abusada
Por homens como você.

Desde quando
Minhas roupas pararam de ser apenas roupas,
E se tornaram um convite
Para você poder usar e abusar do meu corpo?

Como pode se vangloriar
De no corpo de uma mulher tocar?
Corpo esse que não queria,
Que chorou e implorou
Para não ser violentado!

Mulheres que foram abusadas
Sendo acusadas
Por usarem uma roupa curta
E serem consideradas despuídas
Quando, na verdade, deviam ser apoiadas!

Sociedade machista!
Que culpam as vítimas,
Defendem os estupradores
E ainda reclamam quando agimos como feministas!

Não é vitimismo!
Nem mimimi!
São fatos que, com o tempo,
Serão esquecidos por aí!

Estamos em pleno século 21
Onde uma mulher tem que sofrer,
Para poder ser "ouvida".
Quando isso vai parar de acontecer?

Cansei de esperar,
Não vou ficar sentada,
Esperando uma atitude ser tomada.
Estou farta dessa situação,
E minha voz não será silenciada!

Não me toque!
Você não tem minha permissão.
MEU corpo, MINHAS regras.
Eu exijo que você escute o meu NÃO!



EMEF GEN. NEWTON REIS

AEL: **Cecília Meireles**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Lucicleide Virgínio Freire Lima**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Miriam Satomi Irei Neiva**

Letícia Pires Ribeiro, 15 anos*



*Membro vitalício

Ser mulher

Ser mulher é complicado,
Somos diminuídas e desfavorecidas,
Respeito não existe,
"Sexo Frágil" é como somos conhecidas.

Bato de frente,
Não aceito nenhum comentário machista,
Luto pelos meus direitos
E meu ato é chamado de rebeldia.

Eles dizem:
"Mulheres nasceram para servir"
Eu digo:
"Mulheres nasceram para ser donas de si"

Não abaixo minha cabeça!
Falem o que quiser,
E eu ainda digo e repito,
Tenho orgulho em ser mulher

Estamos em pleno século 21,
Até quando isso vai durar?
Eu não peço, eu exijo:
Igualdade já!

Letícia Pires Ribeiro, 15 anos*

*Membro vitalício

EMEF GEN. NEWTON REIS

AEL: **Cecília Meireles**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Lucicleide Virgínio Freire Lima**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Miriam Satomi Irei Neiva**



Lembranças de um antigo amor

Não me falta vontade
Não me falta desejo
Disso eu não tenho dúvidas
És o meu lampejo.

Fecho meus olhos
Só penso em ti
Fico pensando nesse vazio
Que deixaste ao partir

Todo esse espaço
Foi ocupado
Pelo teu perfume
Que em minha mente ficou marcado

Mergulhaste
Em outras paixões
Deixaste para mim apenas a solidão
E agora só me restam recordações

Aquele batom usado
Em cima da penteadeira
E uma roupa velha
Cheia de poeira

Nossos corpos molhados
Corações acelerados
Segredo nenhum era guardado
Não tínhamos medo de ser julgados

Malditos pensamentos
Que me tiram o sono
Me deixam perdido
E completamente sufocado

Lembranças insistentes
Tenho que acordar
Não existe mais um "nós"
Não éramos para sempre

Não posso negar
Eu realmente te amei,
Em momento algum te abandonei
E no final, sozinho fiquei

Sinto tua falta
Isso é inevitável
Porém não posso ficar
Nessa situação lastimável

Eu me desespero
Não pretendia te deixar ir
Pois te amo
E te quero

Mas tenho que aceitar,
Preciso superar,
Olhar em volta,
E um novo amor
Para minha vida encontrar!



EMEF GEN. NEWTON REIS

AEL: **Cecília Meireles**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Lucicleide Virgínio Freire Lima**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Miriam Satomi Irei Neiva**

Letícia Pires Ribeiro, 15 anos*



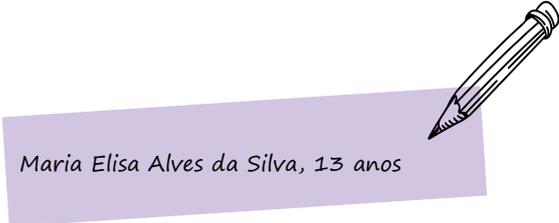
*Membro vitalício

Saudade

Saudade palavra linda
Inventada para dizer
Eu te quis e quero ainda
E sempre hei de te querer

Saudade trago comigo
Penso às vezes que é castigo
Mas quando me lembro de você
Tudo fica colorido

Saudade que eu sinto
De brincar, de correr
Do teu abraço
E do teu carinho ter.



Maria Elisa Alves da Silva, 13 anos

EMEF GEN. NEWTON REIS

AEL: **Cecília Meireles**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Lucicleide Virgínio Freire Lima**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Miriam Satomi Irei Neiva**



Senzala

E que se abram as portas da senzala...
Em que meu corpo foi destroçado
E que nenhum fio sequer de meu cabelo foi poupado

E que se abram as portas da senzala
E veja meu povo sendo humilhado e torturado
E que cada gota de sangue que escorre pela sua face
É como sua carta para o suicídio.

E que se abram as portas da senzala
Para que vejam nossas crianças nas noites frias e sombrias
Chorando pedindo para sua mãe
que o homem de cor branca pare de bater em seu pai
que já não aguenta mais ficar em pé.

E que se abram as portas da senzala
para que meu povo não morra pela fome,
nem pela peste.

E que se abram as portas da senzala
Olhem nossas mulheres sendo estupradas e humilhadas
E que não podem sequer escolher o nome do filho
que carregam em seu ventre.

E que se abram as portas
Para meus ancestrais mortos
que ao tentarem chegar perto da liberdade
foram executados
E que no leito de morte pediram aos deuses:
– Liberdade para meus descendentes!



Raissa dos Santos Campos, 16 anos*

*Membro vitalício



EMEF GEN. NEWTON REIS

AEL: **Cecília Meireles**

Coordenadora dos Estudos Literários: **Lucicleide Virgínio Freire Lima**

Coordenadora das Atividades de Teatro: **Miriam Satomi Irei Neiva**

Coordenadores das AELs nas DREs

BUTANTÃ

Tathiane Graziela Hamada Cipullo

CAMPO LIMPO

Cleomar de Souza Lima
Elaine Silva Lacerda

CAPELA DO SOCORRO

Luciene Aparecida Grisolio Cioffi

FREGUESIA/BRASILÂNDIA

Roberto Antonio Maciel

GUAIANASES

Maria Inês Alves Pereira
Tania Regina da Silva
Valeria Silva Nascimento de Oliveira

IPIRANGA

Girséley Alexandre Gonçalves Sato

ITAQUERA

Cinthia Krayuska de Araújo Sousa
Lúcia Ramalho Nunes Munis

JAÇANÃ/TREMEMBÉ

Ana Carolina Cuofano Gomes da Silva
Ivan Venturini

PENHA

Thalita Garcia Lopes

PIRITUBA/JARAGUÁ

Patricia Zerino Aguilera

SANTO AMARO

Cláudia Gonçalves da Silva

SÃO MATEUS

Renato Brunassi Neves dos Santos Silva

SÃO MIGUEL

Bruno Carvalho da Silva



CIDADE DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO